Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Domingo 14.4.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 605 / € 2,00 / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

ACESSO AO SUPERIOR

CURSOS DE COMPETÊNCIAS DIGITAIS TÊM O MAIOR AUMENTO DE VAGAS EM 2024

EDUCAÇÃO

No total, são quase 100 mil as vagas previstas para 2024/25. No público, há mais 13 ingressos disponíveis para formar médicos e mais 38 para formar docentes do Pré-Escolar e Básico, mas é nos cursos de competências digitais que se nota maior aumento absoluto: 252.

PÁGS. 10-11

LUSA

ATAQUE DE *DRONES* IRANIANOS A ISRAEL

ISRAEL E IRÃO, DE ALIADOS A ARQUI-INIMIGOS

CARGUEIRO DE DONO ISRAELITA COM PAVILHÃO PORTUGUÊS ASSALTADO PELO IRÃO

PÁGS. 14-15

Crise no Médio Oriente atira preço do petróleo para máximos de 6 meses

PÁG. 19

IMPOSTOS

"Embuste", "retoque fiscal" e "má-fé": grande descida de IRS que afinal não o é

PÁGS. 4-5

PASSOS COELHO

A "metamorfose" que o PSD "ignora" e o PS não perdoa PÁGS. 6-7

AMBIENTE

Podem os cafés climáticos ajudar a aliviar a ansiedade da crise planetária?

EXCLUSIVO DN/*THE NEW YORK TIMES*

PÁGS. 12-13

JAMES WEST DAVIDSON

"Ninguém supera Lincoln pela sua inteligência, clareza moral e, acima de tudo, humildade"

AUTOR DO LIVRO *UMA PEQUENA HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS*

PÁGS. 16-17

HOJE GRÁTIS

Editorial

Bruno Contreiras Mateus

Diretor interino do Diário de Notícias

A mentira, o embuste e o choque fiscal

É mais uma polémica nesta governação ou nem tanto. A oposição quer mais é fazer passar como polémica a descida do IRS – a maior questão, agora, é saber se este é ou não o tal choque fiscal tão apregoado. Mas comecemos pelo início, pelo programa eleitoral da Aliança Democrática (AD) no que diz respeito a esta questão: "Redução do IRS até ao 8.º escalão, através da redução de taxas marginais entre 0,5 e até 3 pontos percentuais face a 2023, com maior enfoque na classe média." A leitura é que, para o PSD, Fernando Medina, anterior ministro das Finanças, podia ter sido mais ambicioso e não o foi. Ou seja, a nova redução que agora vai ser aprovada corresponde apenas a cerca de 200 milhões de euros, somando aos cerca de 1300 milhões de euros de redução do IRS inscritos no Orçamento do Estado para 2024 (OE2024), já em vigor. Mérito de Fernando Medina, com uma 'correção' de Miranda Sarmento.

"Não há nenhuma mentira, mas há propaganda e ilusão, quando o programa anuncia expressamente a redução das taxas marginais entre 0,5 e 3 pontos percentuais até ao 8º escalão 'face a 2023' e não em relação a 2024", considera, em entrevista ao DN (que pode ler nesta edição), Rogério Fernandes Ferreira, ex-secretário de Estado dos Assuntos Fiscais do Governo de António Guterres.

Esta é uma leitura possível. Acontece que o Governo da AD, que se diz "rigoroso e leal" ao programa eleitoral, está agora debaixo de acusações de "embuste", "retoque" e "má-fé".

Sobre o OE2024, o então líder parlamentar do PSD, Joaquim Miranda Sarmento acusou, em outubro do ano passado, o Governo de António Costa de dar, com uma mão, "poucochinho" no IRS aos portugueses e, com a outra, tirar "muito mais" em impostos indiretos. "Copiou a proposta do PSD, mas copiou mal", apontou. Mas por esta altura, os portugueses já terão feito as contas às suas finanças pessoais para saber se a redução fiscal de Fernando Medina, acompanhada por uma subida dos impostos indiretos, foi ou não suficiente. E na semana que vem saberão, através das simulações possíveis, se esta 'correção' de Miranda Sarmento acrescenta ou não alguma coisa significativa ao rendimento disponível ainda este ano.

Mas avancemos para a expressão "choque fiscal", que isso sim pode determinar, no futuro, o que é ou não "propaganda", "diálogo", ou "bloqueio". Afastando-se agora de um Orçamento Retificativo, primeiro ponto, uma ambição maior fiscal do primeiro-ministro Luís Montenegro – a acontecer – pode esbarrar no possível chumbo do OE2025. Aí, o líder do PSD sempre dirá que não o deixaram fazer mais.

> **Será que o atual ministro das Finanças, Joaquim Miranda Sarmento, quis apenas mostrar a Fernando Medina como devia ter feito no OE2024 ou vai superar polémicas e operar um verdadeiro choque fiscal?"**

Esse é um lado, mas depois há a segunda perspetiva (claramente insuficiente), que é a de que – perpetuando a política de "contas certas" do anterior Governo –, Miranda Sarmento se fique por esta redução no IRS, pela mudança que se prepara para fazer nas regras do IRS para os jovens até aos 35 anos de idade, beneficiando apenas os salários mais altos, e a isenção de impostos e de contribuições nos prémios de desempenho até ao valor de um salário.

Ficaria a faltar a redução de IRC e políticas fiscais efetivas que permitam às famílias ter maior rendimento, à compra de habitação pela classe média e que travassem a emigração de jovens, se bem que não será apenas com vinagre que se mitiga este flagelo das novas gerações.

Será que Joaquim Miranda Sarmento quis apenas mostrar a Fernando Medica como devia ter feito no OE2024 ou vai superar polémicas e operar um verdadeiro choque fiscal?

OS NÚMEROS DO DIA

200

MILHÕES DE EUROS
O número que levou toda a oposição a criticar o Governo sobre a anunciada descida de impostos no IRS. Dos 1500 milhões divulgados por Montenegro, só 200 milhões são "novos". Os outros 1300 milhões vêm do Governo PS.

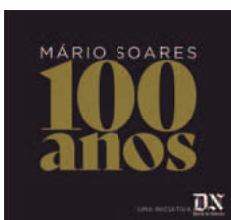
112

ANTIGOS COMBATENTES
Um protesto contra o incumprimento do Estatuto do Antigo Combatente juntou, no Porto, vários ex-combatentes da Guerra do Ultramar, que anunciaram uma greve de fome por parte de 112 elementos a iniciar a 24 de abril junto ao Palácio de Belém.

7

MORTOS
Pelo menos sete pessoas morreram, vítimas de um ataque por esfaqueamento num movimentado centro comercial em Sidney, na Austrália. O atacante foi abatido.

70

ANOS
A búlgara Kristalina Georgieva, de 70 anos, foi eleita para um segundo mandato de cinco anos como diretora-geral do Fundo Monetário Internacional (FMI), anunciou a organização. Georgieva era a única candidata à sua própria sucessão. O novo mandato inicia-se em 1 de outubro deste ano.

14.4.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editor-chefe** Nuno Ramos de Almeida **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Alexandra Tavares-Teles, Amanda Lima, Ana Meireles, Bruno Horta, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, João Pedro Henriques, Manuel Catarino, Margarida Davim, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Sara Azevedo Santos, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida e António Mateus (coordenadores), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

PORTUGAL HÁ 50 ANOS

O que era a vida quotidiana dos portugueses há meio século, antes do 25 de Abril? O que faziam e como recordam hoje esse tempo em que eram jovens e o país era velho. E como esse mundo era retratado nas páginas do DN da época. Visado pela censura.

No DN

AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS EM FRANÇA

DERRADEIRO APELO

DE QUATRO MINISTROS DE MESSMER

A FAVOR DE UM CANDIDATO ÚNICO DA MAIORIA

A PRIMEIRA SONDAGEM À OPINIÃO PÚBLICA DÁ A VITÓRIA A UM DOS CANDIDATOS GAULLISTAS

UM MERCADO DIFÍCIL

COM BOAS POTENCIALIDADES

PARA O EXPORTADOR PORTUGUÊS

POR DAVID LOPES

PLURALIDADE

MAS NÃO BRINCADEIRA DE CRIANÇAS

APÓS UM ATAQUE DE REPRESÁLIA ISRAELITA

O LÍBANO PEDIU

A REUNIÃO DO CONSELHO DE SEGURANÇA

O QUE DEVE ACONTECER AMANHÃ

O "DIÁRIO DE NOTÍCIAS" TEM HOJE 30 PÁGINAS

DESPENHOU-SE O AVIÃO DE TURISMO

CONFLITO O Líbano pediu uma reunião do Conselho de Segurança da ONU após um ataque israelita a várias aldeias na zona de fronteira entre os dois países. No Vaticano, Paulo VI descansava, no Sábado Santo e, em França, apelava-se a uma candidatura única à presidência.

Ataque israelita a aldeias libanesas

TEXTO **ISABEL LARANJO**

A situação no Médio Oriente agravava-se a cada dia que passava. *Após um ataque de represália israelita: O Líbano pediu a reunião do Conselho de Segurança o que deve acontecer amanhã*, titulava o DN. Uma fotografia do general israelita Yitzhak Hofi, explicando com um mapa as operações no terreno, encimava a notícia de primeira página.

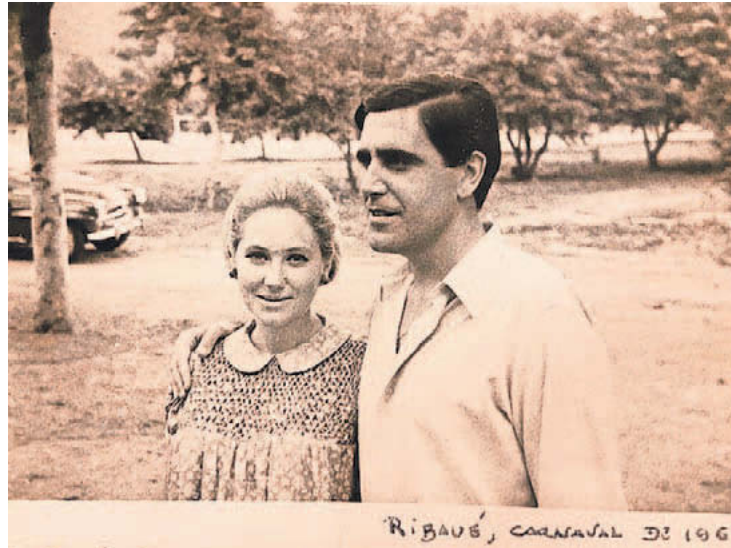
"O Líbano pediu hoje a reunião do Conselho de Segurança para tratar da questão dos incidentes ocorridos a noite passada, em que tropas israelitas atacaram várias aldeias libanesas situadas próximo da fronteira entre os dois países", podia ler-se. "Pelo seu lado, o secretário-geral da ONU, Kurt Whaldeim, afirmou que 'deplora profundamente as incursões israelitas em território libanês. Ontem, Whaldeim emitiu comunicado similar sobre o ataque dos guerrilheiros palestinianos a Kiryat Shemona, em Israel. 'O secretário-geral tem condenado insistentemente tais atos de violência' – declarou o informador da ONU."

Há 50 anos era Sábado Santo e esperava-se a mensagem do Papa no Vaticano. *O Papa Paulo VI dirige hoje ao mundo católico a mensagem pascal*, lia-se, em manchete, na zona superior da capa do DN. "O Papa Paulo VI passou o Sábado Santo nos seus aposentos, descansando para a missa de Domingo de Páscoa, que celebrará na Praça de S. Pedro", lia-se no jornal. "Prevê-se uma afluência de mais de cem mil pessoas na praça para a missa de amanhã e para escutarem a mensagem papal de Domingo de Páscoa, o auge da época de Páscoa no Vaticano".

Em França, a corrida às eleições presidenciais continuava, desta vez com as revelações de uma sondagem. *Derradeiro apelo de Messmer a favor de um candidato único de maioria: primeira sondagem à opinião pública dá a vitória a um dos candidatos gaulistas*, titulava o DN. "Quatro ministros do Gabinete de Pierre Messmer e 39 deputados pediram, pela última vez, um candidato único (...) que possa continuar a obra do General De Gaulle e de Pompidou, derrotando para isso a coligação social-comunista que poria em perigo o futuro da França e a felicidade dos Franceses."

Um avião de turismo despenhou-se no Havai. Do desastre resultou a morte dos 11 ocupantes.

Onde eu estava

Estela Marta da Cruz nasceu em 1944 no Porto. Cresceu em Valadares. Licenciada em Ciências Biológicas e Pedagógicas, foi professora do ensino público.

Nas vésperas do 25 de Abril vivia no Porto. Dava aulas de Biologia no Liceu Alexandre Herculano e o meu marido, médico ortopedista, trabalhava no Hospital de Santo António – a impressão que hoje tenho é a de que estava sempre de urgência. Tínhamos dois filhos, um rapaz de 6 anos e uma rapariga de 5, diferença de apenas 11 meses que me permitia ter pouquíssimo tempo livre, para não dizer nenhum. De facto, daqueles anos, a memória que tenho é a de que a minha vida se reduzia a preparar aulas e a cuidar dos filhos.

O meu filho nasceu em Nampula, onde vivi durante dois anos por ter decidido acompanhar o meu marido, destacado para o Ultramar pouco depois do nosso casamento. A Guia de Marcha para a guerra alterou profundamente os nossos projetos. Deixar a minha vida tranquila e confortável, filha mais nova de proprietários em Valadares – o meu pai era dono do Cinema Eduardo Brazão –, para acompanhar o meu marido num mundo desconhecido não foi uma decisão fácil. Mas senti que não havia alternativa. Não me casara para ficar sentada à espera dele. Longe dele. Por isso, quando ele chegou a Nampula a bordo do paquete *Niassa*, já eu me encontrava no cais de Nacala.

Parti da metrópole de avião. Fiz do Porto a Lisboa em comboio, ainda a tempo de ver *Música no Coração*, o filme que passava num dos cinemas da Avenida da Liberdade, antes de ir para o aeroporto.

O meu pai nasceu em África, tinha, por isso, alguns parentes em Moçambique. Fui recebida numa casa simpática, com cozinheiro e *mainato* (o rapaz negro que fazia recados, tratava da roupa e tomava conta das crianças). Mas as saudades eram muitas. Trocava com o meu pai cartas diárias. Oito e nove páginas de desabafos e descrições do que fazia. Desde logo, as aulas no liceu de Nampula – onde, entretanto, me empreguei e me chamavam, por muito que as minhas fossem pelo joelho, *professora minissaia*.

"De África recordo o odor da terra molhada. O calor. (...) Recordo os dois anos de Moçambique como uma prova de amor ao meu marido."

Às aulas de Biologia acrescentaram-se as de Matemática, de Física, e até de Geografia, o que me obrigou a estudar. Habituada a fazê-lo em cafés – rotina portuense da minha geração –, comecei a frequentar a confeitaria do único hotel em condições de Nampula. Ali se juntavam e faziam má-língua as senhoras da cidade. Via-as a observar-me, quando ia à piscina, talvez por ser a única que usava biquíni.

Com o marido no mato, a vida estava longe de ser tranquila. Só os reencontros ao fim de semana nos retemperavam. Fazia 10 horas de automotora seguidas de quatro de *machimbombo* (autocarro), sempre temendo um ataque dos "*turras*", como então chamavam aos guerrilheiros.

O meu marido acompanhava os destacamentos quando estes saíam para as missões, dormindo muitas vezes debaixo da Berliet *Tramagal*. Três médicos para um batalhão. O meu marido foi o único que não teve direito a louvor, castigo por se recusar a dar aos indígenas doentes apenas os dois comprimidos da conta, que pouco ou nada iriam adiantar (o racionamento de comprimidos destinava-se a evitar que fossem roubados pelos terroristas). A justiça era pouca: enquanto os patrões tinham os filhos a estudar na metrópole, os trabalhadores das *machambas* eram explorados pelos senhores das terras.

Em 1967 mudei-me para Ribaué. Vivia numa casa com chão de terra batida e fogareiro a petróleo. E eu que levara para Moçambique *O Livro de Pantagruel*. Em Ribaué engravidei. Tinha 21 anos. O médico disse-me que o bebé teria de nascer de cesariana, mas também me disse que duas mulheres haviam morrido às mãos do anestesista. O meu filho acabaria por nascer na Casa de Saúde de Marrere, ao fim de uma viagem de 250km comigo em trabalho de parto, numa carrinha de caixa aberta, aos solavancos, no tempo das chuvas, com o meu marido ao lado, armado com um lençol e uma tesoura.

De África recordo o odor da terra molhada. O calor. As mangas e as bananas maravilhosas. Recordo Nampula, cidade de província, de avenidas longas e poeirentas. Recordo os dois anos de Moçambique como uma prova de amor ao meu marido.

Depoimento recolhido por Alexandra Tavares-Teles

IMPOSTOS

“Embuste”, “retoque fiscal” e “má-fé”: a grande descida de IRS que afinal não o é

POLÉMICA No dia em que foi legitimado no Parlamento, o Governo conseguiu unir esquerda e direita contra si. Tudo graças o pacote fiscal do Executivo, que acusam de não ser de acordo com o prometido. Mas a medida pode nem vir a entrar em vigor, porque precisa de ser votada na AR.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

Joaquim Miranda Sarmento e Luís Montenegro durante o debate do Programa do Governo

A polémica surgiu nem 24 horas depois de o Governo ter entrado em plenitude de funções. Na noite de sexta-feira, Joaquim Miranda Sarmento, ministro de Estado e das Finanças, dizia numa entrevista no telejornal da RTP que “os portugueses vão pagar substancialmente menos de IRS” este ano. Admitindo que o Executivo ainda está a “calibrar” a redução do imposto, Miranda Sarmento assumiu, no entanto, que, em vez de ser um alívio de 1,5 mil milhões de euros, será de apenas 173 milhões.

Afinal, a descida do valor anunciado pelo Governo de Luís Montenegro já incluía os 1327 milhões de redução em vigor com o Orçamento de António Costa. Ou seja: a redução diz respeito às tabelas de 2023 e não é cumulativa com as de 2024. Algo que o ministro justificou com o facto de o imposto ter um princípio de anuidade. No Parlamento, o primeiro-ministro já tinha dito, no entanto, que a redução era “face ao ano passado”, apesar de não ter elaborado.

Algumas horas após a entrevista de Miranda Sarmento, Pedro Nuno Santos reagia no X (antigo Twitter). A medida não é um “choque fiscal” (termo utilizado pelo PSD em relação à necessidade de reformar o sistema de impostos), mas sim um “choque de desfaçatez”, um “embuste”. E acusou o Governo de se tentar “apropriar dos valores de uma redução do IRS feita pelo PS, mais de seis vezes superior à baixa” anunciada pelos sociais-democratas.

Mas, segundo Miranda Sarmento, a proposta que tanta celeuma tem causado é da autoria dos sociais-democratas. Recuou também no passado e deu como exemplo, até, o facto de a maioria absoluta socialista da anterior Legislatura ter chumbado várias propostas do PSD nesta área. O ministro diz que o Governo está a “cumprir” algo que prometera “ainda antes de se saber que ia haver eleições”.

Não obstante toda a polémica, a proposta de mexida nos impostos – que Miranda Sarmento diz vir beneficiar sobretudo “famílias de classe média, quem ganhe acima de mil, mil e quinhentos, dois mil euros” – terá de ser discutida e votada no Parlamento (já depois de ser aprovada em Conselho de Ministros esta semana). Para já, o desfecho é incerto e a proposta pode nem sequer ser transformada em legislação. Afinal, o Governo não tem maioria absoluta, nem o apoio da oposição para fazer aprovar estas medidas.

1,5 milhões

PSD Segundo o programa social-democrata, a redução de IRS representaria, ao todo, 1,5 milhões de euros.

1327

PS No início de 2024, os escalões de IRS foram atualizados, com uma redução de 1327 milhões de euros.

173

Real Com a proposta do Governo a incidir já sobre os 1327 milhões do Orçamento em vigor, a redução real seria de 173 milhões.

Oposição critica e chama ministro ao Parlamento

Na manhã de ontem, o Governo tentou acalmar a polémica. Em comunicado, o Executivo referia estar a “cumprir rigorosamente” o seu programa. Recusando a ideia de estar a enganar o país, o Executivo disse, em comunicado, que “nenhum membro do Governo ou dos partidos da coligação que o apoia alguma vez sugeriu, indicou ou admitiu outras reduções de taxas, designadamente que tivessem a mesma dimensão, mas a acrescer ao constante na Lei do OE 2024”.

Praticamente uma hora depois, o líder parlamentar social-democrata, Hugo Soares, tentou complementar os esclarecimentos dados pelo Executivo. E foi na mesma linha de discurso: o primeiro-ministro “foi cristalino” nas suas palavras, a proposta “é clara” e consta no Programa do Governo. Para o líder parlamentar do PSD, “alguém se enganou” sobre as medidas e esse “alguém” não foi o Governo. A oposição “tem de se habituar” e é preciso “saber o que se diz, não vale a pena vir a reboque, tentar fazer política de má-fé”. E, no final, uma certeza: “A oposição não tem razão.”

Minutos depois, foi a vez de outra líder parlamentar (a do PS) vir a público deixar críticas ao Governo. Numa declaração feita na sede do partido, em Lisboa, Alexandra Leitão referiu que a proposta do Governo é “um embuste, uma desfaçatez” e uma prova de “falta de credibilidade”. O país foi “todo enganado” porque a “AD andou a propor aquilo que, afinal, estava no programa do PS”. Isto é “muito, muito grave. É mais uma vitimização e má-fé do

O que propõe o Governo para o IRS?

A proposta social-democrata pretende mexer nos escalões do IRS até ao 8.º escalão (há nove, atualmente). Com uma taxa atualmente em vigor de 13,25%, o 1.º escalão passaria a 13% com o PSD. O segundo ia dos atuais 18% para 19%. O terceiro transitaria dos atuais 23% para 23,5%.
Já o 4. escalão voltava a ter uma redução: de 26%, passaria para 25,5%.
Depois, o 5.º passaria de 32,75% para 32%. O sexto é aquele que beneficiaria mais da proposta do Governo, passando dos 37% para os 34%. Depois, o 7.º escalão passaria dos atuais 43,5% para 43% e o oitavo (e penúltimo) passaria a ter uma tributação de 44,75% ao invés dos atuais 45%. O 9.º escalão manter-se-ia nos 48%.

ANTÓNIO COTRIM / LUSA

Governo. Não se podem enganar todos, todos, todos", disse numa alusão ao que Luís Montenegro afirmara no Parlamento, numa referência ao lema da Jornada Mundial da Juventude.

A deputada socialista anunciou ainda que o PS vai chamar o ministro para um debate de urgência no Parlamento, já na quarta-feira.

André Ventura, que reagiu depois, foi na mesma linha e anunciou que o Chega vai também chamar Miranda Sarmento à Assembleia, mas, neste caso, à Comissão de Finanças. "Terá de explicar o que ontem [sexta-feira] explicou de forma evasiva", disse.

Já o líder da Iniciativa Liberal, Rui Rocha, disse que, em vez de ser uma política de "choque fiscal" é, isso sim, "um retoque fiscal". O "estado de graça" do Governo "acabou ao fim de 48 horas". "Tivemos o PSD, o Governo, a tentar não ser claro relativamente a esta matéria", criticou.

Mariana Mortágua, coordenadora do Bloco de Esquerda, também deixou palavras duras. Para a bloquista, "o Governo toma Portugal por parvo". E apontou também ao primeiro-ministro, que "fabricou um artifício e ficou a assistir enquanto toda a gente se deixava enganar".

O PCP, pela voz do líder Paulo Raimundo, disse que o Programa do Governo é "de fraude" e que é "tal e qual" como tinha previsto: "Grandes parangonas" e "grandes anúncios de redução do IRS mas, depois de tudo espremido, a montanha o que pariu foi a redução do IRC".

Por seu lado, Rui Tavares, do Livre afirmou que "ouviu bem" Luís Montenegro "dizer que as alterações significariam um corte fiscal de 1500 milhões de euros". Para o porta-voz do partido, o primeiro-ministro "ainda não saiu de campanha" e o Governo faz "promessas vazias". "Parece-me de péssimo gosto que o Governo venha dizer que toda a gente se enganou, e que só o Governo é que estava certo", concluiu.

rui.godinho@dn.pt

"Isto é, na verdade, um embuste, uma desfaçatez e, para quem tanto fala em lealdade e confiança, isto é mesmo a comprovação da falta de credibilidade deste Governo."

Alexandra Leitão
Líder parlamentar do PS

"O Governo não pode apenas fazer anúncios de forma retórica, tem que os concretizar. Prometeram-nos um choque fiscal de descida de IRS, no valor de 1500 milhões de euros."

André Ventura
Presidente do Chega

"Acabou o estado de graça ao fim de 48 horas porque, de alguma maneira, aquilo que tivemos agora é o Governo, o PSD, a tentar não ser claro relativamente a esta matéria."

Rui Rocha
Presidente da IL

"A única promessa que não era a brincar é a redução do IRC sobre os lucros das grandes empresas. Ao fim de uma semana, imprensa já pede desculpa aos leitores por ter acreditado em Montenegro."

Mariana Mortágua
Coordenadora do BE

Fernandes Ferreira
"Não há nenhuma mentira, mas há propaganda e ilusão"

ENTREVISTA Para o antigo secretário de Estado, a redução da carga fiscal deveria ser promovida pelo corte na despesa pública.

TEXTO **TERESA COSTA**

Rogério Fernandes Ferreira, ex-secretário de Estado dos Assuntos Fiscais do Governo de António Guterres e sócio fundador da RFF Advogados, considera excessiva a importância que se está a dar ao valor do alívio fiscal com as mexidas no IRS, porque entende que o equilíbrio das contas do Estado deveria ser promovido através da "diminuição da despesa pública nos Serviços Públicos" que, em sua opinião, "continuam descontrolados" desde a pandemia, e do corte na própria dívida estatal.
Por outro lado, defende que a atenção dos portugueses deveria estar concentrada no reforço da "produtividade do país", com especial atenção nas empresas e no IRC. Sobre os benefícios fiscais relacionados com os rendimentos dos jovens, o ex-governante critica o modelo, considerando que as razões da não-fixação dos mais novos em Portugal não têm a ver com questões fiscais.

O que representam os 200 milhões de euros de alívio fiscal propostos pelo Governo da AD (e não os 1500 milhões anunciados na última quinta-feira por Luís Montenegro)?
Representam o que está no Programa do Governo, ou seja, a redução das taxas marginais entre 0,5 e 3 pontos percentuais até ao 8.º escalão, em sede de IRS, "face a 2023". Como tive oportunidade de dizer numa entrevista na RTP, há dois dias – e o ministro das Finanças entretanto já confirmou também –, o Governo anterior já tinha reduzido o IRS em 2024. Os 1500 milhões são em relação a 2023 e não em 2024. São tabloides, política, e o que interessa pouco, quando devíamos estar todos bem mais interessados em ver como promover a produtividade do país e transformar o tecido empresarial português, concentrando a nossa atenção no IRC, nas empresas, na atração de capital estrangeiro, e na promoção do nosso país.
As alterações anunciadas pela AD para o IRS jovem já estarão incluídas no alívio dos 200 milhões de euros?

Pois claro que devem estar. O que aqui se deveria discutir é se estas medidas fiscais do Governo anterior e do programa do atual em relação aos jovens são a panaceia de resolução da emigração dos jovens para o estrangeiro e se não deveríamos estar a aproveitar melhor a diáspora portuguesa, de forma mais inteligente e relevante, pois, mesmo com estes bónus, os jovens portugueses não irão voltar para Portugal, por razões que são bem diferentes da questão fiscal. É melhor atraí-los e, principalmente, aproveitá-los por outras formas que não são as fiscais.
Para baixar efetivamente a carga fiscal por via do IRS, o que seria preciso?
A reavaliação e a diminuição da despesa pública, incluindo dívida pública, que continua a aumentar em termos absolutos. Podemos começar por mais exigência nos Serviços Públicos, que continuam descontrolados e em regime de marcação e em teletrabalho, desde a covid.
Qual o impacto da "mentira" do Governo, como diz a oposição, para o próprio Governo e para os contribuintes?
Não há nenhuma mentira, mas há propaganda e ilusão, quando o programa anuncia expressamente a redução das taxas marginais entre 0,5 e 3 pontos percentuais até ao 8.º escalão "face a 2023" e não em relação a 2024.

tcosta@dinheirovivo.pt

Passos Coelho. A "metamorfose" que o PSD "ignora" e o PS não perdoa

MUDANÇA O "incómodo" nos sociais-democratas existe , mas fica sob reserva. Nos socialistas nem todos alinham na estratégia de "colar" o antigo PM à extrema-direita. O que mudou, se mudou, no "progressista" Passos Coelho?

TEXTO **ARTUR CASSIANO**

1990
ÁLVARO TAVARES / GLOBAL IMAGENS

1992
ANTÓNIO AGUIAR / GLOBAL IMAGENS

1992
PEDRO MENSURADO / GLOBAL IMAGENS

1994
LUÍS CARREGÃ / GLOBAL IMAGENS

1996
BRUNO PERES / GLOBAL IMAGENS

ÁLVARO ISIDORO / GLOBAL IMAGENS

1997
MIGUEL MADEIRA/GLOBAL IMAGENS

O que para Pedro Nuno Santos, secretário-geral do PS, é "assustador", é para Francisco Assis, o regressado deputado socialista que presidia ao Conselho Económico e Social, uma "hipervalorização" do que "manifestamente não é" como dizem.

O secretário-geral diz que Passos Coelho alinhou num "discurso que é um discurso da extrema-direita". O deputado contraria a tese, recorrendo ao que conhece e sabe do antigo primeiro-ministro social-democrata, para garantir que: "Conheço o doutor Passos Coelho e não o considero uma pessoa de extrema-direita, que manifestamente não é."

Pedro Nuno Santos falou num agitar de "bandeiras que são da extrema-direita" que "atentam contra a forma de viver dos portugueses (…), um regresso a um passado em que ninguém quer voltar" – a alusão aos tempos da ditadura e a Salazar. Francisco Assis deixou um conselho: "Tenhamos um pouco de serenidade e percebamos quem são os nossos verdadeiros inimigos." E elucidou: a "séria ameaça à democracia portuguesa" é "o Chega".

Este diferente posicionamento não é exclusivo de Assis e Pedro Nuno Santos – é mais abrangente no PS. E a explicação reside, diz fonte do PS ao DN, no facto de o "pedronunismo" não ser no partido uma "corrente transversal".

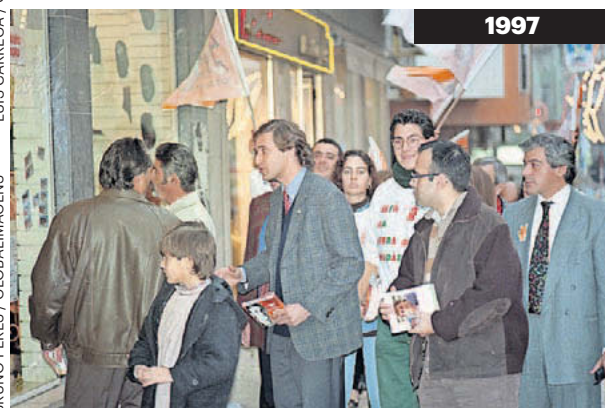
"É precisa sensatez e perceber que se a corda parte, podemos ser castigados nas eleições", justifica fonte socialista.

As dúvidas e as explicações

Passos Coelho questionado e criticado por se ter associado [na apresentação do livro] à visão de família de alguns dos autores de *Identidade e Família – Entre a Consciência da Tradição e As Exigências da Modernidade* lamentou os "rótulos e caricaturas que somente têm uma intenção: agredir e desqualificar (…). Eu fui chamado de fascista imensas vezes".

"O vício que diminui o espaço público e procura reconduzir certas discussões que interessam a toda a sociedade a uma espécie de gente ultramontana, ultraconservadora e outras coisas [as agressões verbais de que falou] que normalmente se seguem", explicou.

Porém, as referências que fez à família ("o primeiro espaço de socialização" e de "transmissão de valores"), a oposição à eutanásia ("por que razão as políticas públicas pretendem ajudar as pessoas a morrer em vez de lhes dar condições para viver?") e a elaboração de que "quando há identidades firmadas" não há que ter medo de os espaços políticos "se diluírem ou confundirem entre si" [o que foi entendido à esquerda como uma aliança entre PSD e Chega], abriu uma acesa discussão pública. André Ventura viu, nas palavras de Passos , "um caminho de convergência" e "bandeiras do Chega, como a ideologia de género, a família ou a imigração".

A "coerência" que manteve "até 2011", um homem de centro-esquerda – o PSD traçado por Sá Carneiro – liberal nos costumes e na economia [que no início não era tanto], perdeu-se para "algo muito estranho", como diz Inês Amaral, investigadora no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, ou é mesmo, como frisa Pedro Nuno Santos, "um discurso da extrema-direita", ou não passa, como diz Francisco Assis, de uma "hipervalorização" do que "manifestamente não é"?

Ou, questionando de outra forma: pode alguém "progressista", que enfrentou Cavaco [pelo fim da PGA], que em 2007 votou a favor no referendo pela despenalização do aborto [que a JSD já em 1984 defendia], que em 2008 defendia o casamento entre pessoas do mesmo sexo, que em 2010 dizia que "a homossexualidade ou a heterossexualidade não tem de ser o critério para a adoção?", e que até, em 1990, "queria a figura do Provedor de Justiça Militar por considerar que havia abusos", ter assumido "uma figura que no seu passado seria o seu pior pesadelo?".

Incómodos e silêncios

O silêncio – o "não comento" – ou o "não concordo, mas é a liberdade de expressão", são expressões que resumem a postura geral entre os sociais-democratas, até mesmo nos da linha de Rui Rio. Ninguém, nem mesmo – e são muitos – os que discordam do "incómodo que ele [Passos] cria" o aceitam fazer publicamente.

"Num Governo anti-Chega, basta ver quem são os ministros, o melhor mesmo é ignorar", refere fonte social-democrata.

Nem mesmo sobre a questão da extrema-direita, Pedro Nuno Santos cola Passos Coelho a essa ideologia? "Só um líder do PS desesperado é que pode lançar atoardas dessas sem sentir vergonha do que diz. Não vale tudo em política", sublinha, ao DN, fonte social-democrata.

A explicação para a reserva pública é igual: "É ignorar." E ponto final.

Abril de 2024

2023
NUNO PINTO FERNANDES / GI

2020
NUNO PINTO FERNANDES / GLOBAL IMAGENS

2010
DIREITOS RESERVADOS

1999
PAULO NOVAIS/LUSA

2000
DIREITOS RESERVADOS

2017
SARA MATOS / GLOBAL IMAGENS

As contradições
"Tudo o que um dia defendeu, é hoje o seu contrário. Não espantará, assim, se o mais acérrimo defensor do fim do Serviço Militar Obrigatório em Portugal vier gritar pelo seu regresso. Que transfiguração tão triste", considera, por seu lado, Inês Amaral.

A investigadora identifica, no percurso do antigo primeiro-ministro, o ponto de viragem [no Governo PSD/CDS] em que Pedro Passos Coelho "ficou envolto numa nuvem".

"Houve muitos momentos [a partir de 2011] em que o moderado foi Paulo Portas. [Passos Coelho] admitiu referendar a adoção por casais do mesmo sexo, chegou a ter uma proposta de regresso do SMO em cima da mesa (que deitou ao lixo, diga-se em abono da verdade), instou o partido a votar contra a coadoção por casais do mesmo sexo e no último dia de legislatura aprovou formas de restringir a IVG", recorda.

A conclusão que retira é, por isso, simples. Mais do que uma involução houve uma metamorfose no homem que liderou a JSD de 1990 a 1995, deputado entre 1991 e 1999, vice-presidente da direção de Marques Mendes entre 2005 e 2006, líder do PSD de 2010 a 2018, primeiro-ministro de 2011 a 2015 e que em 2008 [data de uma identificada pré-mudança] propôs a orientação liberal para o PSD – uma revisão programática.

"Passos Coelho transformou-se. Mudar de opinião é legítimo, naturalmente. O que choca é ver uma pessoa evoluir do centro-esquerda de Sá Carneiro para algo muito estranho, que nada tem a ver com o seu percurso de décadas. Ao fim de quase três décadas na política, Pedro Passos Coelho assumiu uma figura que no seu passado seria o seu pior pesadelo. Depois desapareceu. Regressou sugerindo ideias que contradizem a sua própria vida pessoal. Que grande e triste volta", diz constatar Inês.

Carlos Coelho, eurodeputado e um dos antigos líderes da JSD, na biografia autorizada [*O Homem Invulgar*, de Sofia Aureliano], fala de um homem que "nunca conseguiu estar muito tempo com ninguém, talvez porque só nele encontre a verdadeira liderança".

Jorge Moreira da Silva, por exemplo, refere uma "racionalidade", enquanto outros, dos mais próximos, assinalam a "teimosia" e nalguns casos a "obstinação".

Passos Coelho, nesse livro, traça um perfil de autorretrato: "Não sou de ficar a meditar, de ficar a ver o meu passado para ver como teria feito de outra maneira."

Passos Coelho na 1.ª pessoa

Não vale a pena fazer demagogia sobre isto, nós sabemos que só vamos sair desta situação – a troika *e a crise – empobrecendo."*
2011

"Devemos persistir, ser exigentes, não sermos piegas e ter pena dos alunos, coitadinhos, que sofrem tanto para aprender."
2012

"Estar desempregado não pode ser, como é ainda hoje em Portugal, um sinal negativo. Despedir-se ou ser despedido não tem de ser um estigma, tem de representar também uma oportunidade para mudar de vida."
2012

"Gozem bem as férias, que em setembro vem aí o Diabo."
2016

ÁLVARO ISIDORO / GLOBAL IMAGENS

Bruno Gonçalves lidera a União Internacional de Juventudes Socialistas desde 2021.

O jovem "que queria mudar alguma coisa" e vai reunir-se com Guterres

CONFERÊNCIA Secretário-geral da União Internacional de Juventudes Socialistas, Bruno Gonçalves tem encontro marcado com o líder da ONU, no âmbito do *Fórum da Juventude*.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

O objetivo é claro: debater formas de erradicar a pobreza e perceber como pode a juventude contribuir para isso através de soluções inovadoras, focando-se também nos objetivos da Agenda 2030. E entre terça e quinta-feira é esse o objetivo da discussão do *Fórum da Juventude 2024*, que acontecerá durante o Conselho Económico e Social das Nações Unidas (ECOSOC) na sede da organização, em Nova Iorque.

Presente estará Bruno Gonçalves, o jovem português que, desde 2021, é secretário-geral da União Internacional de Juventudes Socialistas (IUSY, na sigla original), instituição que alberga "mais de 10 milhões de membros diretos e indiretos".

A vontade de se envolver civicamente e de tentar fazer a diferença não é nova. Vem "desde que era muito novo". "Queria mudar alguma coisa na escola e depois queria mudar alguma coisa na minha cidade", explica. E para isso achou que o lugar certo era nas fileiras da Juventude Socialista (JS). "Lembro-me de que, desde muito jovem, havia um tema muito sensível: o conflito israelo-palestiniano e, depois, o conflito israelo-árabe", recorda.

Ao olhar para a História, encontrou o seu lugar depois de "entender o papel que o sociais-democratas tiveram ao longo de toda a História do século XX para resolver problemas de conflito e, sobretudo, para promover a paz" na região.

Filiado "há mais ou menos 10 anos" na JS, Bruno Gonçalves é também "ativista e eleito numa Assembleia Municipal". Agora, na antecâmara do *Fórum* em que estará presente, diz ao DN que, de entre todos os temas em discussão no encontro, erradicar a pobreza é o mais importante. "A pobreza que hoje existe é tanto de quem não trabalha como de quem trabalha. Continua a existir uma enorme disparidade no mundo, tanto entre os que se tem acentuado com diferentes crises a nível mundial", diz.

É, por isso, necessário "voltar a deixar bem claro que o acesso de diferentes pessoas, de diferentes comunidades, de diferentes grupos a uma vida digna está muito longe da realidade". E, depois, Bruno Gonçalves olha para a "redução das desigualdades" como a segunda prioridade. Essas desigualdades "têm-se agravado porque, muitas vezes, tem-se sido incapaz".

> O *Fórum da Juventude* acontece entre terça e sexta-feira e terá no centro da discussão, entre outros, os objetivos da Agenda 2030 da ONU.

E, na opinião de Bruno Gonçalves, estas desigualdades acabam por "definir, sobretudo, a liberdade de cada indivíduo de se poder realizar". "Os jovens hoje são menos capazes de se realizarem, também, porque têm menos liberdade económica, menos acesso a recursos".

E é devido a isto que "a extrema-direita, em Portugal e no mundo, diz que a Agenda 2030 é o pior que o mundo já viu". Para esse lado do espetro político, analisa Bruno Gonçalves, "temas como o combate às alterações climáticas devem ser uma urgência completamente contrária àquilo que se tem definido". "Acho que até a extrema-direita que diz, abstratamente, que a Agenda é um grande problema, provavelmente concordaria que quase todos os desígnios de objetivos e subobjetivos que ela define são prioritários até para os seus eleitores", aponta.

> "Os jovens hoje são menos capazes de se realizarem, também, porque têm menos liberdade económica, menos acesso a recursos."

> "Mais do que vendermos ideologia, a primeira forma de nós protegermos as pessoas e as trazermos de volta a um espírito coletivo de sociedade é fazer com que elas sintam representadas.
>
> **Bruno Gonçalves**
> Secretário-geral da União Internacional de Juventudes Socialistas

Sociedades menos individualistas

Para combater esses radicalismos, Bruno Gonçalves aponta que "a sociedade deve ser mais coletiva". "A política tem sido, ao longo de alguns séculos a esta parte um instrumento que temos para fazer acreditar às pessoas, para fazer acreditar à sociedade civil, que o mundo pode ser melhor. E mais do que vendermos ideologia, a primeira forma de nós protegermos as pessoas e as trazermos de volta a um espírito coletivo de sociedade é fazer com que elas se sintam representadas e fazer com que elas sintam que os serviços públicos atuam para as proteger, mesmo quando elas desconhecem os seus próprios direitos", reflete o secretário-geral da IUSY.

Além do combate à pobreza, a organização vai levar outra "quatro grandes prioridades" ao *Fórum da Juventude*: "A questão do apoio humanitário a Gaza e a necessidade de reconhecimento do Estado da Palestina, o apoio à Agenda 2030, e uma última sobre o trabalho na era da inteligência artificial." A expectativa é que, daqui, confessa Bruno Gonçalves, saiam entendimentos entre as partes, possibilitando "novas leis e novos direitos para os cidadãos".

rui.godinho@dn.pt

Opinião
Carlos Branco

O General Spínola e a Guiné, contra os ventos da História

Um grupo de amigos do falecido Carlos Santos Pereira decidiu dar vida à sua tese de mestrado e trazê-la à estampa. O livro centra-se na ação do então brigadeiro Spínola como chefe militar na Guiné, um teatro de operações onde o autor do livro prestou serviço militar como conscrito nos idos anos de 1972 e 1973.

Dada a importância que a Guiné e o general Spínola tiveram nos acontecimentos precursores do golpe militar de 25 de Abril de 1974, reveste-se de um significado muito particular a publicação deste documento no ano em que se celebram os seus 50 anos. Permite-nos ter um "olhar mais crítico e distanciado sobre a figura militar e política de António de Spínola," e ajuda-nos a reequacionar os termos da sua rutura com o regime de Marcello Caetano.

A obra mostra-nos a faceta menos conhecida de historiador e académico de Carlos Santos Pereira, conhecido publicamente pelas suas crónicas sobre a Europa Central e a Rússia no final da Guerra Fria, e como repórter de guerra no conflito da antiga Jugoslávia, no âmbito de uma longa carreira em que trabalhou ao serviço do Diário de Notícias, *Expresso*, *Público*, Lusa e RTP.

Sobre este último, é incontornável o livro *Jugoslávia à Jugoslávia. Os Balcãs e a Nova Ordem Europeia*, publicado em 1995, que se tornou uma grande referência sobre o tema. Em 2001, publicou outro livro incontornável *Os Novos Muros da Europa. A expansão da NATO e as oportunidades perdidas do pós-guerra Fria*, de leitura indispensável para compreender os desafios que a Europa enfrenta nos dias de hoje.

Para alguns, este trabalho pode parecer afastado das preocupações intelectuais do autor. Não é o caso. Carlos Santos Pereira foi um estudioso da História portuguesa contemporânea. Não tivesse sido o seu falecimento prematuro e estaríamos hoje a publicar um documento de maior envergadura sobre o marechal Spínola, incorporando a sua atuação política em abril e no período subsequente, nomeadamente o seu envolvimento no MDLP, quando conspirou abertamente contra a democracia.

Não terá sido fácil a um defensor do regime de então ter de lidar com o desconforto causado pelas contradições resultantes do choque das suas convicções ideológicas e a constatação no terreno de não existir solução militar para a manutenção do império. Spínola tinha percebido que não se ganham guerras de guerrilha. Como disse aos seus comandantes operacionais: "Peço apenas que não a percam, meus senhores."

Teriam de ser ensaiadas outras soluções, outras políticas que o regime não tinha. O regime não tinha um plano B para a questão colonial, Spínola procurou criá-lo no *Portugal e o Futuro* através da ideia de uma comunidade lusófona.

O livro transporta-nos para a atuação do chefe militar e aquilo que o distinguiu. Do ponto de vista militar, Spínola desenvolveu uma notável batalha pela conquista das almas e dos corações das populações através da manobra psicossocial, envolvendo a Administração Pública e a ação militar (agora designada nos meios académicos por *comprehensive approach*), aligeirou a estrutura de comando através da criação de Comandos e Agrupamento Operacionais, e promoveu uma intensa ação de africanização da guerra com características diferentes daquilo que foi feito nos outros teatros de operações.

Mas aquilo que verdadeiramente o diferenciou de outros chefes militares não foi no domínio da estratégia militar, mas o facto de ter utilizado a sua condição de governador para definir uma política colonial diferente da do Governo, atribuindo à ação política um papel central na guerra, o que levou a uma progressiva degradação das suas relações com Marcello Caetano.

Não só pensou essa política como deu passos para a implementar. Aí se inserem, por exemplo, a tentativa de encetar negociações com o PAIGC, mediadas pelo presidente do Senegal Leopold Senghor. Contudo, os seus esforços sofreram diversos revezes. O primeiro, foi a tentativa de rendição dos guerrilheiros do PAIGC com vista à sua posterior integração na força africana, que culminou com o assassinato de três majores do seu estado-maior.

O agravamento da situação operacional – em maio/junho de 1973, o PAIGC lançou uma operação que levou à queda da guarnição de Guileje, e desencadeou um conjunto de ações militares (o *Inferno dos 3 G*) de resultados nada favoráveis às cores nacionais – veio aumentar em Spínola a convicção da necessidade de se encontrar uma solução política para a Guiné, recusada por Marcello Caetano. Não podia aceitar uma solução para a Guiné diferente da que pudesse vir a ser aplicada a Angola e a Moçambique.

Como conclui o autor, António de Spínola fica para a História como uma figura controversa e contraditória. Se por um lado, foi um comandante militar corajoso e determinado, capaz de correr riscos e de afrontar os poderes instituídos, por outro, demonstrou uma estrondosa incapacidade para desempenhar o papel que destinara a si próprio e para o qual preparara o caminho.

Major-General

Opinião
José Mendes

O efeito *boomerang*

O erro crasso foi cometido e dificilmente tem retorno. A narrativa artificial de que o país estava um caco fez o seu caminho entre as oposições e foi amplificada pelos órgãos de comunicação social. Para os primeiros, é o único caminho que conhecem, onde os seus interesses e os das suas clientelas partidárias estão, não poucas vezes, antes do interesse do país e da população. Para os segundos, a cacofonia da desgraça alimenta-lhes as páginas de abertura, algumas vezes atropelando as regras basilares da deontologia jornalística. Agora, com a mudança de ciclo político, aí está o efeito *boomerang*.

As pedras atiradas estão a dar a volta e a cair no terreno dos atuais inquilinos do poder, e até de alguns órgãos de comunicação social, forçando-os a cometer erros básicos na procura de vender a ideia de que o que aí vem é sempre mais, melhor e diferente. No meio desta guerrilha, quem aproveita é a extrema-direita, que vem paulatinamente trilhando o seu caminho até chegar ao poder, altura em que será, naturalmente, desmascarada.

Vamos por partes, começando pela narrativa do país em cacos. Claro que Portugal tem problemas e enfrenta desafios. Claro que devemos ter todos a ambição de um país ainda mais avançado e próspero. Claro que não devemos esconder as ineficiências. Mas daí a passar repetidamente a ideia de que o país piora, tudo está um caos e tudo é preciso mudar vai a distância que separa os alarmistas dos racionais. Os nossos problemas não são originais, existem também na Europa mais rica. Habitação, Saúde, Educação, Segurança Social, transportes, emprego, é escolher. Apesar disso, basta andar pelo nosso país para perceber que o ambiente é de normalidade, que as coisas funcionam, com mais ou menos dificuldades.

Dito isto, aqueles que se alavancam politicamente no pressuposto do caos terão de enfrentar o teste do algodão. O discurso de que tudo está em cacos reclama a capacidade de tudo resolver. Assim, quando chegam ao poder é-lhes exigida uma mudança total, radical, transversal e, claro, rápida. Eles próprios, na sua sanha pelo poder, abdicaram do estado de graça.

Vejamos, agora, um exemplo. Quem sempre afirma que há um excesso de carga fiscal tem de mostrar, conforme prometeu, que faz diferente e incomparavelmente melhor do que aqueles que, na sua narrativa, são os campeões dos impostos. Para colocar a questão em termos numéricos, se numa das próximas folhas salariais um português verificar que teve uma redução de 10 euros no IRS, seria de esperar que, pelo menos, 8 ou 9 euros tivessem resultado de uma medida do novo Governo. Ora o que se conheceu esta semana é que o prometido impacto fiscal do PSD de 1500 milhões de euros no IRS incorpora 1327 milhões que já estão em vigor desde o início do ano e são da responsabilidade do anterior Governo do PS. Isto significa que, dos tais 10 euros de redução mensal do IRS do português incógnito, quase 9 foram da responsabilidade do PS e apenas o restante se deve ao PSD. Mais ao menos o contrário do que esperava o eleitorado da AD.

Acresce que a proposta dos sociais-democratas cobre mais escalões, o que significa que poderá até ser prejudicial para os que menos ganham. Também quanto ao IRS jovem, a insuspeita consultora EY fez as contas e afirma que a proposta deste Governo é pior que a do PS para a maioria dos contribuintes elegíveis.

Perante este arranque em falso, a comunicação social não foi meiga, com o *Expresso* a marcar o tom. Como sabiamente afirmou um dia Pacheco Pereira, quem vive da imprensa morre pela imprensa. É o efeito *boomerang*.

Professor catedrático

ISCTE é a Instituição do Ensino Superior com maior aumento de vagas para o ano letivo 2024/25.

PAULO SPRANGER / GLOBALIMAGENS

55 166

Público No Regime Geral de Acesso ao Ensino Superior Público haverá mais 158 vagas disponíveis do que em 2023. O maior aumento regista-se no ISCTE, em Lisboa, com mais 138.

1114

Cursos Segundo a lista do Ministério da Educação, Ciência e Inovação, são 1114 as licenciaturas e mestrados integrados no Superior Público 2024/25. Direito em Lisboa é o curso com mais vagas: 445.

24 130

Concursos especiais No conjunto, entre Público e Privado, haverá no próximo ano letivo mais 1462 vagas no Superior destinadas aos concursos especiais: 1121 no Público e 341 no Privado.

Acesso ao Superior. Cursos de competências digitais têm o maior aumento de vagas em 2024

EDUCAÇÃO No total, são quase 100 mil as vagas previstas para 2024/25. No público, há mais 13 ingressos disponíveis para formar médicos e mais 38 para formar docentes do Pré-Escolar e Básico, mas é nos cursos de competências digitais que se nota maior aumento absoluto: 252.

TEXTO **RUI FRIAS**

O próximo ano letivo terá mais 349 vagas no Ensino Superior, com 231 delas disponibilizadas no Regime Geral de Acesso, pelo qual concorrem a maioria dos candidatos. No total, segundo a lista divulgada este domingo pelo Ministério de Educação, Ciência e Inovação, haverá em 2024/25 quase 100 mil vagas para os candidatos a universidades e politécnicos: 99 986, entre concurso nacional de acesso, concursos locais, regimes especiais e concursos especiais. Destas, 75 962 correspondem ao ensino superior público, que perde 61 em relação ao ano anterior, e 24 024 ao privado, que ganha 410 vagas.

Em relação apenas ao Regime Geral de Acesso, a principal via de entrada no Superior, verifica-se um aumento de ingressos disponíveis tanto no público como no Privado. São fixadas 55 166 vagas nas universidades e politécnicos públicos, o que corresponde a um aumento de 158 vagas em comparação com 2023. Nas instituições privadas, são anunciadas 17 929 vagas, mais 73 do que no corrente ano letivo.

A distribuição das vagas disponíveis no ensino superior público mostra um claro reforço nos cursos que visam as competências digitais, consolidando a aposta na transição digital – desígnio também já assumido pelo novo ministro, Fernando Alexandre. Esses cursos, de diversas áreas, contarão com um total de 9355 vagas de acesso, mais 252 do que no ano passado, o que representa um acréscimo de 2,77%.

Essa é uma das "discriminações positivas" impostas pelo despacho assinado ainda pela anterior ministra da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Elvira Fortunato, que também estipula, no mínimo, a manutenção de vagas em cursos com índice de excelência superior ou igual a 100, cursos de Educação Básica e cursos de Medicina.

Para Medicina, há este ano mais 13 vagas de acesso no ensino superior público, num total de 1554. O aumento distribui-se apenas por duas instituições de ensino: a Universidade de Coimbra, que dispõe de mais oito vagas face a 2023 (de 260 para 268), e a Universidade da Beira Interior, onde o Curso de Medicina passa a acolher mais cinco novos candidatos, para um total de 150. Nas restantes oito instituições de ensino superior público onde o curso é ministrado, as vagas mantêm-se inalteradas.

Quanto aos Cursos de Educação Básica, necessários para a formação de professores do 1.º ao 6.º anos de escolaridade, registam um aumento de 38 vagas, para um total de 993 vagas.

Já os cursos de excelência, como são referenciados os ciclos de estudo mais competitivos – aqueles que tiveram maior número de candidatos em primeira opção no ano anterior com nota igual ou superior a 17 valores – viram reforçada a sua oferta em 46 lugares de acesso, para um total de 4036.

No total, a oferta pública de Ensino Superior para 2024/25 contempla 1114 licenciaturas e mestrados integrados, segundo a lista disponibilizada pelo Ministério da Educação, Ciência e Inovação. O curso de Direito, na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, continua a ser aquele que oferece mais vagas de acesso, com 445, o mesmo número do ano anterior.

REGIME GERAL DE ACESSO

'INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR	CNA+CL 2023-2024	2024-2025	VARIAÇÃO
Escola Superior de Enfermagem de Coimbra	311	311	0
Escola Superior de Enfermagem de Lisboa	278	278	0
Escola Superior de Enfermagem do Porto	257	257	0
Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril	410	410	0
Escola Superior Náutica Infante D. Henrique	192	192	0
Instituto Politécnico de Coimbra	1992	2025	33
Instituto Politécnico de Leiria	1935	1963	28
Instituto Politécnico de Lisboa	2586	2677	91
Instituto Politécnico de Setúbal	1212	1212	0
Instituto Politécnico do Cávado e do Ave	775	763	-12
Instituto Politécnico do Porto	3183	3198	15
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa	1378	1516	138
Universidade de Aveiro	2345	2345	0
Universidade de Coimbra	3383	3391	8
Universidade de Lisboa	7424	7436	12
Universidade do Minho	3013	3022	9
Universidade do Porto	4669	4714	45
Universidade Nova de Lisboa	2819	2822	3
Instituto Politécnico da Guarda	905	857	-48
Instituto Politécnico de Beja	512	512	0
Instituto Politécnico de Bragança	2105	1965	-140
Instituto Politécnico de Castelo Branco	1046	1046	0
Instituto Politécnico de Coimbra - Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Oliveira do Hospital	190	190	0
Instituto Politécnico de Portalegre	571	586	15
Instituto Politécnico de Santarém	994	974	-20
Instituto Politécnico de Tomar	537	529	-8
Instituto Politécnico de Viana do Castelo	1022	1028	6
Instituto Politécnico de Viseu	1374	1383	9
Universidade da Beira Interior	1616	1579	-37
Universidade da Madeira	675	675	0
Universidade de Évora	1399	1410	11
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro	1675	1677	2
Universidade do Algarve	1616	1613	-3
Universidade dos Açores	609	610	1
Total Geral	55008	55166	158

	2023-2024 CNA/CL+RE+CE	2024-2025 CNA/CL+RE+CE	VARIAÇÃO %
Ensino Superior Público	76023	75962	-0,1%
Ensino Superior Privado	23614	24024	1,7%
Total	99637	99986	0,4%

CNA – CONCURSO NACIONAL DE ACESSO; CL – CONCURSO LOCAL; RE – REGIMES ESPECIAIS; CE– CONCURSOS ESPECIAIS

Olhando especificamente para o universo dos 10 cursos com média de entrada mais elevada na primeira fase de candidatura do ano passado, há mais nove vagas no total, distribuídas por apenas quatro desses cursos: Engenharia Aeroespacial, na Universidade de Aveiro, é o que tem direito a maior aumento, de 45 para 50 lugares de ingresso. Depois, Línguas e Relações Internacionais, na Universidade do Porto, tem mais duas vagas do que no ano anterior (de 76 para 78); Arquitetura, também no Porto, mais uma (de 123 para 124); e Engenharia e Gestão Industrial, ainda no Porto, ganha também uma vaga (de 11 para 112). Engenharia Aeroespacial na Universidade do Minho, que foi o curso com melhor média de entrada do último colocado na 1.ª fase de candidaturas de 2023/24, com 18,86 valores, mantém as 31 vagas atribuídas.

Mais vagas em Lisboa e Porto, menos no Interior

Analisando por instituições do Ensino Superior público, verificamos que quem ganha mais vagas face ao ano passado, no Regime Geral de Acesso – que engloba o concurso nacional e concursos locais feitos em cada escola superior (maioritariamente em cursos artísticos) – é o ISCTE, de Lisboa, com mais 138 ingressos disponíveis. Seguem-se o Instituto Politécnico de Lisboa, com mais 91, e a Universidade do Porto, com mais 45, reforçando a oferta nas duas principais cidades do País.

No sentido inverso, é no Interior que se perdem mais vagas, com o Instituto Politécnico de Bragança a ter menos 140, o Politécnico da Guarda menos 48 e a Universidade da Beira Interior menos 37. Nestas instituições, a redução de ingressos no Regime Geral de Acesso é compensada pelo aumento de vagas para Concursos Especiais – onde se incluem maiores de 23 anos, titulares de diploma de especialização tecnológica, titulares de diploma de técnico superior profissional, titulares de outros cursos superiores, acesso a Medicina para licenciados, estudantes internacionais e diplomados de vias profissionalizantes.

O prazo normal para a apresentação da candidatura à primeira fase do concurso nacional de acesso inicia-se a 22 de julho e decorre até 29 de julho, para candidatos ao contingente para emigrantes e candidatos com pedido de substituição de provas de ingresso por exames estrangeiros, e até 5 de agosto para os restantes candidatos.

Opinião
Daniel Deusdado

O ministro do aeroporto ou de 100 mil casas

1 Foi o primeiro-ministro Durão Barroso quem disse, em 2003, que não haveria novo aeroporto em Lisboa enquanto houvesse "crianças a esperar três anos para serem operadas". Este tipo de *soundbite* político parece gratuito, mas tem sempre um fundo de verdade: o dinheiro não chega para tudo. Porque é preciso fazer escolhas. Estranhamente, no entanto, vivemos uma ilusória epopeia de possibilidades motivadas pelos excecionais *superavits* no Orçamento, como se eles apagassem a realidade, pura e crua: a colossal dívida pública de Portugal (perto de 100% do Produto Interno Bruto), num país coletivamente endividado nas famílias, empresas e Estado em mais de 800 mil milhões.

Perante isto, a questão sobre onde se arranjam os 10 mil milhões (iniciais) para se fazer Alcochete são consequência da leviandade socrática em que vivemos durante tantos meses. Porquê tanto investimento público quando existem alternativas privadas que, pura e simplesmente, evitam esta dose letal de endividamento? E aqui chegamos às escolhas de Luís Montenegro e ao novo ministro das Infraestruturas e Habitação, Miguel Pinto Luz.

Não é preciso ser-se muito sagaz para se perceber que o PSD desconfia do colossal buraco de custos que é Alcochete. A vida real limita opções. E uma conta salta aos olhos: o Governo de António Costa aplicou 3,2 mil milhões do PRR em 32 mil novas casas para habitação social. O diagnóstico do anterior Governo indicava que precisamos de 300 mil novas habitações sociais e de renda acessível para equilibrar a escassez de oferta. Como cada casa está a ser construída por 100 mil euros, seria necessário concentrar 30 mil milhões de investimento público para acudir à mais grave crise social e geracional que Portugal enfrenta e construir as tais 300 mil casas – ou pelo menos caminhar-se para esse objetivo.

É óbvio que parte deste esforço para mudar o mercado da habitação passa por investimento privado (*build-to-rent*) e construção acessível (IVA de 6%, isenções fiscais, fomento das cooperativas). Mais isto traduz-se em mais uma carga nas contas públicas por perda de receitas. Se lhe somarmos a habitação social, tudo junto, dá um custo explosivo – ainda que absolutamente necessário para abrandar a especulação imobiliária nas grandes cidades, fixar os jovens, e permitir rendas suportáveis.

Sem esta intervenção não há fixação de quadros nas empresas, os jovens continuam a emigrar e Portugal mantém-se no pior lugar da Europa quanto à idade de saída de casa dos pais: 34 anos. Como consequência, não há crescimento da natalidade, a Segurança Social fica em risco – e por aí fora.

Por outro lado, sem casas acessíveis para imigrantes, não teremos mão-de-obra suficiente – sobretudo nas atividades de baixo valor e que são parte essencial dos recursos humanos necessários para o turismo e outras atividades que não dispensamos no nosso quotidiano. E sem mais habitação, perpetuamos a batalha entre quem investiu as suas poupanças no Alojamento Local face aos que precisam de encontrar uma casa na cidade – em vez de compatibilizarmos as duas coisas.

Só que, paradoxalmente, queremos construir a casa pelo telhado.

A medida estratégica onde pretendemos gastar as nossas melhores fichas é num aeroporto para estar pronto entre 10 e 15 anos. O grande *hub* de Alcochete. Num mundo de viagens cada vez mais *ponto-a-ponto* (sem mudanças de avião), face à concorrência poderosa de Madrid, Paris, Frankfurt e Londres, e com a TAP pronta a ser vendida a um grande operador internacional... resolvemos acreditar que a Terra gira em redor desse grande Sol que é Alcochete. Com outra consequência: o aeroporto torna-se num violento aspirador de capacidade de endividamento do país para uma obra faraónica, que ainda por cima deixa os lisboetas com um só aeroporto, a 57km de distância, em vez de dois a custo zero – Portela+1.

Simplificando: não devem ser os privados a fazer o aeroporto e o Estado a apoiar mais habitação? A solução da CTI foi um sonho delirante de uma noite de verão, onde tudo era possível. Chegou a hora de aterrar num princípio básico: antes de termos mais turismo, precisamos de casa para todos, num país a funcionar – inclusive para o turismo –, e sem arrasar ambientalmente o que nos resta. Lisboa tem limites. Não pode ficar à mercê desta sofreguidão de quem só vê como quer ainda mais turismo de massas e investimento imobiliário de alta gama a todo o custo na capital do país.

> **"Simplificando: não devem ser os privados a fazer o aeroporto e o Estado a apoiar mais habitação?"**

2 Basta olhar-se para o malabarismo do Governo com o IRS para se perceber esta coisa simples: há pouco dinheiro. É tão simples quanto isto.

Jornalista

Podem os cafés climáticos ajudar a aliviar a ansiedade da crise planetária?

AMBIENTE Estão a surgir cada vez mais nos Estados Unidos estabelecimentos que permitem às pessoas com preocupações relativas às alterações do clima falarem sobre as suas emoções.

TEXTO **LOLA FADULU** E **EMILY SCHMALL**, *THE NEW YORK TIMES*

ROSHNI KHATRI / THE NEW YORK TIMES
Estes grupos ajudam as pessoas a enfrentar as suas ansiedades.

Numa pequena sala na Baixa de Manhattan, um grupo de oito nova-iorquinos sentava-se em círculo, partilhando *kombucha* e os seus receios em relação ao clima, tendo como pano de fundo a chuva e as sirenes.

Em Champaign, no Illinois, um psicoterapeuta que organizava uma reunião com outros terapeutas ergueu um ramo de virgáurea ou vara-de-ouro pedindo à meia dúzia de participantes *online* que considerassem a sua ligação à natureza.

E em Kansas City, no Missouri, uma organização sem fins lucrativos que organiza um debate semanal no Zoom, começava a sessão com uma leitura espiritual e uma meditação guiada, antes de se dividir em grupos para discutir tópicos como a ética da maternidade no meio de uma população global em rápido crescimento e preocupações com a escassez de recursos.

Todos são exemplos de um novo movimento de base chamado "cafés climáticos". Estes grupos, presenciais e *online*, são locais onde as pessoas discutem a sua dor, os seus medos, a sua ansiedade e outras emoções relacionadas com a crise climática.

Estão a surgir em cidades dos Estados Unidos – incluindo Los Angeles, Seattle e Boston –, mas também em todo o mundo. Não se sabe ao certo quantos existem, mas Rebecca Nestor, da Aliança para a Psicologia do Clima, uma organização sem fins lucrativos, disse que o número destes cafés aumentou muito nos últimos três anos. A Aliança para a Psicologia do Clima norte-americana formou cerca de 350 pessoas para dirigir cafés climáticos nos EUA e no Canadá e inclui 300 médicos no seu diretório de terapeutas sensibilizados para o clima.

A aliança analisa a forma como a saúde mental é afetada pelos ecossistemas – condições meteorológicas extremas e catástrofes, ar e água contaminados – e como isso se cruza com outras forças, como o racismo e a desigualdade de rendimentos. Os psicólogos afirmam que estes grupos ajudam as pessoas a enfrentar as realidades inquietantes da crise climática.

Rebecca Nestor organizou pela primeira vez um café climático em Oxford, na Grã-Bretanha, em 2018. Segundo ela, a ideia foi "trabalhada" a partir do *café da morte*, um conceito criado por um sociólogo suíço, através do qual as pessoas se reúnem para falar abertamente sobre a morte, a fim de melhor apreciarem as suas vidas.

Muitos dos cafés climáticos são gratuitos e abertos ao público, mas alguns foram criados especialmente para bibliotecários, terapeutas e outros profissionais.

"Não posso continuar a acreditar na narrativa de que não há escolha na forma como isto acaba"

Desde junho de 2023, Olivia Ferraro, 24 anos, que trabalha no setor financeiro, organizou mais de 20 cafés climáticos íntimos em Nova Iorque, com cinco a 20 participantes. Também treinou *online* pessoas de toda a parte dos Estados Unidos e do mundo – Porto Rico, Vancouver, Inglaterra e Austrália – que desejam criar essas reuniões nas suas próprias comunidades.

ROSHNI KHATRI / THE NEW YORK TIMES
Nestes encontros fala-se sobre os receios que surgem devido às alterações climáticas.

O fumo dos incêndios de 2023 no Canadá, devido ao calor, seca e ventos extremos, criaram uma densa nebulosidade em Nova Iorque.

A Aliança para a Psicologia do Clima norte-americana formou cerca de 350 pessoas para dirigir cafés climáticos nos EUA e no Canadá e inclui 300 médicos no seu diretório de terapeutas sensibilizados para o clima.

Numa noite de janeiro, chuvosa e inusitadamente quente – a temperatura era de 51 graus e a máxima de 56 graus – Ferraro preparou-se para a sua reunião. Acendeu a sua vela de aroma Fern+Moss (Feto+Musgo) da Brooklyn Candle Co., que escolhe para todas as reuniões, e ligou as melodias calmas de Khruangbin.

Dispôs 10 cadeiras num círculo junto a uma parede de tijolo, colocou uvas, água com gás, lascas de banana frita e outros *snacks* numa mesa e trouxe copos reutilizáveis do casamento da mãe, em 2016.

Lentamente, foram chegando pessoas de todas as partes da cidade. O público era maioritariamente jovem, com alguns adultos mais velhos à mistura. Todos vinham um café climático pela primeira vez.

Depois de alguma conversa de circunstância, Ferraro partilhou as regras da noite e explicou que o objetivo não era substituir os cuidados clínicos.

Os participantes, ao longo de uma hora, descreveram a sua preocupação com os seus filhos vindouros e com as gerações futu-

DAVE SANDERS / THE NEW YORK TIMES

ras em geral. Descreveram sentir-se sobrecarregados, não só pelas alterações climáticas, mas também pelo clima político. Descreveram oscilar entre o sentimento de desespero e o de empoderamento em relação ao futuro do planeta.

Por vezes, os comentários eram interrompidos por longas pausas, enquanto os participantes absorviam o que tinha sido dito, olhando simplesmente uns para os outros ou para os seus colos.

"Não posso continuar a acreditar na narrativa de que não há escolha na forma como isto acaba e que as grandes empresas têm controlo total sobre o meu futuro", explicou Sheila McMenamin, 32 anos, que vive em Brooklyn.

"Eles não têm o controlo total e eu recuso-me a ceder esse controlo", disse ela, enquanto outros participantes concordavam.

Uma mulher negra chorou, dizendo que era difícil saber que as pessoas de cor seriam desproporcionalmente afetadas pelas alterações climáticas, mas que muitas não tinham tempo para participar em grupos como este.

"Estou furiosa com o facto de não haver mais pessoas de cor nestas salas", disse a mulher, Syrah Scott, uma mãe na casa dos 40 anos que vive em Queens. Segundo ela, muitas pessoas de cor estavam concentradas apenas na sobrevivência. "Não têm dinheiro para se preocuparem com estas coisas", disse.

"Tenho dificuldade em desfrutar do ar livre"

O café *online* sobre o clima para terapeutas no Illinois começou com Kate Maurer a esfregar na mão um talo seco de vara-de-ouro, ou virgáurea, que tinha colhido do seu quintal. A planta ligava-a à crise climática, disse ela, porque era uma das muitas flores nativas do Illinois que tinha plantado num esforço para restaurar o ambiente natural.

Mas estar no seu jardim come-

Os ativistas ambientais organizam reuniões desde a década de 1970 para discutir a forma de responder às ameaças climáticas.

çou a espoletar emoções complexas, disse ela. Embora a natureza sempre lhe tivesse dado consolo, agora também a deixava triste. "Tenho dificuldade em desfrutar da vida ao ar livre por causa das constantes recordações" da degradação ambiental, disse.

Esse paradoxo fez Lauren Bondy, uma participante do café, lembrar-se da neve fresca daquela manhã e de um rinoceronte negro. Bondy e o seu filho, na altura com 19 anos, tinham visto um dos últimos exemplares desta espécie em perigo de extinção durante umas férias na Tanzânia, há alguns anos.

"Apreciar a sua beleza, mas também a raridade e a perda", disse Bondy, terapeuta na Costa Norte de Chicago. "Estamos a guardar tudo."

Não se tratava de psicoterapia, disseram os facilitadores do café climático, mas sim de catarse de grupo.

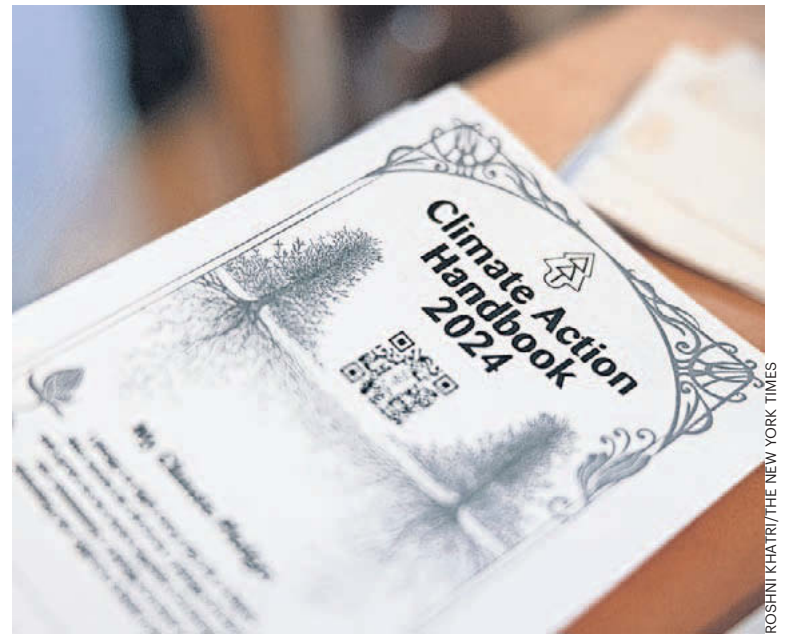
Colleen Aziz, uma terapeuta que dirige um consultório virtual em Illinois, disse que sentia a responsabilidade de trazer a sua formação profissional, mas que poucos pacientes traziam preocupações climáticas para as suas sessões. "É realmente maravilhoso encontrar clientes que são suficientemente estáveis para estarem prontos e capazes de olhar diretamente para o clima", disse Aziz depois do café, "mas isso geralmente equivale a privilégio".

"É uma luta intergeracional"

Outros grupos centram-se mais na ação. Na mesma altura em que surgiu o grupo de Ferraro, Jonathan Kirsch, 32 anos, que exerce

ROSHNI KHATRI / THE NEW YORK TIMES

Jonathan Kirsch começou por ter reuniões privadas no seu apartamento. Mas agora os encontros estão abertos a toda a gente.

ROSHNI KHATRI/THE NEW YORK TIMES

As preocupações com as alterações climáticas une os participantes nestas reuniões.

Direito e vive em Nova Iorque, fundou o seu café climático em novembro de 2022. O seu grupo começou por ser uma reunião privada e informal no seu apartamento, mas agora está aberto ao público e mais concentrado em traduzir os sentimentos em ação.

Num outro dia chuvoso de janeiro, mais de 30 pessoas entraram no apartamento de Kirsch, em Brooklyn, para um café climático. A campainha tocava quase ininterruptamente enquanto as pessoas subiam as escadas do apartamento, despiam os casacos molhados e empilhavam os guarda-chuvas.

Muitos dos participantes na reunião trabalhavam em áreas relacionadas com o clima, incluindo um homem que fazia parte do Extinction Rebellion, o grupo que perturbou o Open dos EUA e a Met Opera numa tentativa de lançar mais luz sobre a crise climática.

Os participantes dividiram-se em pequenos grupos. Embora estivessem frustrados com as políticas locais, estaduais e nacionais, sentiam-se esperançosos. Estavam cheios de ideias sobre como canalizar a sua energia: compostagem, jardinagem e propagação; trocas de roupa e círculos de reparações; pressão sobre determinada legislação; adesão a clubes de livros e grupos de escrita; e até mesmo voltar à escola para melhorar a sua educação.

"A verdade é que, como esta é uma luta tão longa, é uma luta intergeracional", disse um participante ao grande grupo, depois de os grupos de discussão mais pequenos terem voltado a reunir-se, "temos de vir com uma mentalidade de resiliente em que estamos prontos para perder muitas batalhas e saber que a nossa presente luta maior valerá a pena."

Os cafés climáticos funcionam?

Reunir-se para partilhar as preocupações sobre o clima não é novidade. Os ativistas ambientais organizam reuniões desde a década de 1970 para discutir a forma de responder às ameaças climáticas. As comunidades nativas americanas há muito que se reúnem para lamentar a perda de terras, segundo Sherrie Bedonie, assistente social e cofundadora do Coletivo de Aconselhamento e Cura Nativo-Americano.

Mas parece que a prática está a tornar-se mais comum. O ano passado foi o mais quente alguma vez registado e prevê-se que 2024 seja mais quente ainda. O Canadá foi devastado por incêndios destrutivos em 2023 devido ao calor, secas e vento extremo alimentadas pelas alterações climáticas, e o fumo desses incêndios trouxe condições nebulosas para Nova Iorque e outras regiões. As alterações climáticas parecem já ter contribuído para a diminuição da neve neste inverno.

Os participantes afirmaram que o facto de se reunirem para falar abertamente sobre os seus receios proporciona uma espécie de leveza.

Sami Aaron, 71 anos, programadora de *software* reformada, fundou o Resilient Activist em Kansas City depois de o seu filho, um ativista do clima e aluno de uma pós-graduação em Estudos Urbanos na Universidade da Califórnia, em Berkeley, ter morrido por suicídio, invocando sentimentos de desespero face às alterações climáticas.

Os cafés do seu grupo tentam incutir esperança, disse ela.

"O pavor e a falta de esperança estão a ser exilados em todos nós e é por isso que não falamos sobre isso, porque é demasiado doloroso", disse Bondy. "Se não conseguirmos curar o que estamos a sentir", acrescentou, "também não conseguiremos curar o nosso planeta".

Este artigo foi publicado originariamente no jornal The New York Times

O *MSC Aries* foi abordado por um helicóptero das forças iranianas.

AFP

Irão lança ataque com *drones* contra Israel

TENSÃO O dia começou com a apreensão por parte de militares iraniano de um navio registado na Madeira e que pertence a empresa de bilionário israelita. À noite Israel entrou em alerta máximo.

TEXTO **ANA MEIRELES**

O Irão lançou na noite de ontem um ataque contra Israel com dezenas de *drones*, segundo divulgaram as Forças Armadas israelitas, sublinhando que esses dispositivos não-tripulados iriam demorar várias horas a chegar a território do país. Estava assim, à hora de fecho desta edição, em marcha a retaliação anunciada pelas autoridades iranianas após a morte de 16 pessoas na sequência de um ataque ao complexo da embaixada iraniana em Damasco (Síria), no passado dia 1. De acordo com os *media* israelitas também terão sido lançados mísseis de cruzeiro, os quais alcançarão mais rapidamente Israel.

O Exército israelita foi colocado em alerta máximo e os seus militares estavam a seguir a trajetória dos *drones* e mísseis. Numa mensagem divulgada pouco depois do alerta, o Exército pedia à população que "seguisse as suas instruções".

O primeiro-ministro Benjamin Netanyahu já tinha dirigido uma mensagem à população frisando que o país estava preparado "para qualquer cenário".

Ataque a navio com bandeira portuguesa

O ataque iraniano surgiu horas depois de Teerão ter atacado e apreendido um navio cargueiro com bandeira portuguesa (registado na Madeira) e ligações a Israel junto ao Estreito de Ormuz. Tanto Telavive como Washington denunciaram esta apreensão como pirataria, com Israel também a exigir que a Guarda Revolucionária iraniana seja declarada uma "organização terrorista" pela União Europeia.

A Casa Branca vinha alertando repetidamente Teerão contra a realização de um ataque potencialmente iminente a Israel em resposta a um ataque de dia 1. O Irão prometeu vingar-se deste incidente, que matou 16 pessoas, incluindo dois generais, mas não especificou como. Ontem, a Guarda Revolucionária do Irão atacou e apreendeu um navio cargueiro de bandeira portuguesa "relacionado" com Israel no Estreito de Ormuz, que se dirigia agora para águas iranianas, informou a imprensa estatal. O Estreito de Ormuz liga o Golfo Pérsico ao Golfo de Omã, para depois ceder ao Oceano Índico e, de acordo com a Administração de Informação Energética dos EUA, mais de um quinto do consumo global anual de petróleo passa por ele todos os anos.

O operador do navio, o grupo ítalo-suíço MSC, disse estar a trabalhar com as autoridades competentes para garantir o bem-estar dos 25 tripulantes a bordo. "Lamentamos confirmar que o *MSC Aries*, propriedade da Gortal Shipping Inc, afiliada da Zodiac Maritime, e fretado pela MSC, foi abordado pelas autoridades iranianas de helicóptero" e "há 25 tripulantes a bordo", disse a Mediterranean Shipping Company (MSC), com sede em Genebra, à agência AFP. O *chairman* da Zodiac Maritime é Eyal Ofer, um bilionário israelita atualmente a residir no Mónaco. O navio saiu de Khalifa, nos Emirados Árabes Unidos, com destino a Nhava Sheva, na Índia, e a última posição recebida foi sexta-feira, exatamente no mesmo local perto do Estreito de Ormuz onde foi apresado.

"Apelo à União Europeia e ao mundo livre para que declarem imediatamente o corpo da Guarda Revolucionária Iraniana como uma organização terrorista e para que sancionem o Irão agora", acrescentou. Já um conselheiro do líder supremo do Irão disse que Israel estava em "pânico total" com a resposta iminente de Teerão. "Eles não sabem o que o Irão quer fazer, por isso eles e os seus apoiantes estão aterrorizados", disse o conselheiro sénior Yahya Rahim.

Perante todo este cenário, Israel estava a preparar-se para um possível ataque contra o seu território por parte do Irão – confirmado ao início da noite – com o porta-voz das IDF, Daniel Hagari, a anunciar ontem novas restrições às reuniões de civis. Neste sentido, foram proibidas atividades educacionais em todo o país e restringidas reuniões a um máximo de mil pessoas, sendo que, em algumas áreas, como perto das fronteiras de Gaza e do Líbano, já existem restrições mais rigorosas à reunião.

Embora a maioria das escolas esteja fechada devido ao feriado da Páscoa, as restrições também se aplicam a visitas de estudo e acampamentos. Hagari frisou ainda que as defesas aéreas de Israel "estão em alerta" e "dezenas de aviões estão prontos no céu".

> Paulo Rangel também anunciou que o embaixador de Portugal em Teerão vai reunir-se hoje de manhã com o chefe da diplomacia do Irão para poder obter esclarecimentos sobre a situação do navio cargueiro. O ministro dos Negócios Estrangeiros confirmou ainda não haver portugueses a bordo do *MSC Aries*.

Casa Branca fala em ato de pirataria

Em Washington, a porta-voz do Conselho de Segurança Nacional, Adrienne Watson, apelou ao Irão "para libertar imediatamente o navio e a sua tripulação internacional".

"A apreensão de um navio civil sem provocação é uma violação flagrante do Direito Internacional e um ato de pirataria", disse. O presidente norte-americano encurtou uma viagem de fim de semana ao seu estado natal, Delaware, para consultas urgentes em Washington sobre o Médio Oriente, adiantou a Casa Branca. Na sexta-feira, Joe Biden tinha dito esperar que o Irão retaliasse "mais cedo ou mais tarde" e no início desta semana adiantado disse que Teerão estava "a ameaçar lançar um ataque significativo".

Para hoje estava prevista uma reunião enter o embaixador de Portugal em Teerão e o chefe da diplomacia do Irão para obter esclarecimentos sobre a captura do navio com pavilhão português no Estreito de Ormuz. Segundo o ministro dos Negócios Estrangeiros, Paulo Rangel, dependendo desta reunião, as medidas diplomáticas de Portugal face a este incidente, que condenou "veementemente com preocupação", poderão ou não ser agravadas. Para já, Portugal exige a libertação do navio e dos tripulantes adiantou o ministro.

Da parte de Portugal, que não tem nenhum cidadão a bordo do cargueiro, o acompanhamento da situação está a ser feito sob coordenação direta do gabinete do primeiro-ministro, envolvendo os ministérios dos Negócios Estrangeiros, da Presidência, da Defesa Nacional e da Economia. Paulo Rangel adiantou ainda que a maioria da tripulação é de cidadania indiana, havendo também paquistaneses, e um estónio. O Governo da Índia anunciou também estar em contacto com Teerão através de canais diplomáticos para garantir a segurança dos seus 17 cidadãos a bordo, afirmou fonte da diplomacia indiana.

ana.meireles@dn.pt

Israel e Irão, de aliados a arqui-inimigos

MÉDIO ORIENTE As relações históricas entre os dois países são mais complexas do que poderia parecer à primeira vista. Nas últimas décadas tem vindo a ser travada uma confrontação nas sombras, por via indireta, ou de forma não-assumida.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

Os judeus têm uma dívida de gratidão para com os persas. Conta a *Bíblia* que o fundador do Império Persa, Ciro, *o Grande*, libertou os judeus do cativeiro na Babilónia e permitiu o seu regresso a Jerusalém. Um salto no tempo de 2500 anos até 1947, ano em que as Nações Unidas votaram o plano de partilha da Palestina. Este resultou da deliberação do Comité Especial para a Palestina, formado por 11 países, Irão incluído. Os representantes iranianos votaram vencido, ao lado de indianos e jugoslavos, pela recomendação de um sistema federal com um Estado árabe e outro judeu e a capital em Jerusalém. Ou seja, de início o Irão mostrou-se contra a solução preconizada, a da criação de dois Estados. Também esteve do lado dos países árabes, mas sem qualquer envolvimento, na guerra de 1948, na qual Israel derrotaria cinco países.

O xá Mohammad Reza Pahlavi, apesar de ver Israel como um aliado natural, teve de acomodar a oposição religiosa contra a criação do Estado, liderada pelo *ayatollah* Kashani. Enquanto os clérigos iranianos há muito que denunciavam os planos expansionistas do movimento sionista, os árabes consideravam o reconhecimento de Israel como uma aceitação internacional da *Nakba*, ou catástrofe, isto é, a expropriação e a deslocação à força de mais de 700 mil palestinianos. Daí que o Irão tenha votado contra a admissão de Israel na ONU, em 1949. Mas a visita do xá aos EUA, nesse mesmo ano, abriu as portas ao reconhecimento, no ano seguinte, de Israel, embora com a subtileza de ter sido tácito: a embaixada em Israel era chamada "segunda embaixada" na Suíça.

Visto como uma traição quer no mundo árabe, quer pela oposição, o reconhecimento de Israel sofreu ainda um breve retrocesso, entre 1951 e 1953. Nesse período, Mohammad Mosaddeq chefiou o Governo e ordenou o encerramento do consulado em Jerusalém, alegando dificuldades financeiras, mas não revogou o reconhecimento de facto. O golpe de Estado de 1953, patrocinado pelos Estados Unidos e Reino Unido, viria a abrir caminho para o período de relações mais intensas.

A coberto de uma empresa comercial israelo-iraniana, o diplomata Zvi Duriel estabeleceu-se em Teerão, enquanto o Irão trocava produtos agrícolas e petróleo por bens industriais e assistência militar. No que respeita aos hidrocarbonetos, o Irão foi o principal fornecedor dos israelitas durante duas décadas, furando o boicote dos países árabes. A assistência militar e de segurança desenvolveu-se ao ponto de os Serviços Secretos partilharem informações e ambos os Estados participaram num programa de desenvolvimento de armas, que foi mantido em segredo.

No exílio, o *ayatollah* Khomeini, há muito que via em Israel um "inimigo do Islão e dos muçulmanos". Quando, em 1979, chegou triunfante a Teerão como líder da Revolução Islâmica que depôs o xá, o clérigo cedeu a embaixada israelita à Organização de Libertação da Palestina (OLP) e criou um novo feriado, o *Dia de Quds* (Jerusalém em árabe).

Nas duas décadas seguintes, as sementes do ódio foram germinando, apesar da cooperação durante a guerra Irão-Iraque, no início dos Anos 80. Então, Telavive terá vendido armamento no valor de meio milhão de dólares e há relatos de que Israel comprou petróleo a preço de amigo. A estratégia israelita era a de enfraquecer o Iraque de Saddam Hussein, que era visto como a maior ameaça. E se num primeiro momento os EUA apoiaram o Iraque, Telavive terá convencido Washington da necessidade de apoiar Teerão para o regime teocrático não se virar para a União Soviética (o famoso escândalo *Irão-contras*).

À retórica anti-israelita (o "pequeno Satã") e pró-palestiniana o Irão foi construindo uma rede de forças paramilitares, a mais importante dos quais no Líbano, o Hezbollah. As ligações entre Teerão e o grupo islamista, ambos xiitas, não é segredo, tendo sido expandidas para a Síria, Além disso, patrocina milícias no Iraque, no Bahrein, e os rebeldes *Houthis* no Iémen. Em 1993, depois da primeira revolta palestiniana (Intifada), o Irão e o Hezbollah treinaram combatentes do Hamas, cujas técnicas foram replicadas na segunda Intifada, no início da década de 2000.

A organização xiita libanesa foi responsável por um ataque a tropas israelitas que levou à invasão do sul do Líbano, em 2006, seis anos depois de as forças israelitas terem acabado com a ocupação do território.

Enquanto foi financiando e treinando "grupos de resistência", Teerão foi advogando que o objetivo não é a destruição do Estado judaico pela via militar, mas a "derrota da ideologia sionista e a dissolução de Israel através de um referendo popular". A retórica iraniana, agravada com a presidência de Ahmadinejad e o seu negacionismo do Holocausto, num mundo pós 11 de Setembro, ganhou novo peso quando foram reveladas, em 2002, atividades nucleares até então secretas, o que levantou suspeitas de que o Irão estava a tentar fabricar uma bomba nuclear.

Entrou-se numa nova e perigosa fase de hostilidade, com a execução de uma série de ataques a cientistas nucleares iranianos na década de 2010, enquanto, em paralelo, Israel conseguiu sabotar as centrifugadoras de uma das centrais de enriquecimento de urânio. Em resposta, o Irão atacou várias embaixadas israelitas no estrangeiro com carros armadilhados. O acordo nuclear celebrado em 2015 entre o Irão e vários países (controlo do programa nuclear iraniano em troca do levantamento de sanções) ficou sem efeito quando os EUA de Donald Trump se retiraram do mesmo, abrindo caminho para o enriquecimento de urânio sem restrições e para mais um capítulo de ataques direcionados a cientistas iranianos.

BRENDAN SMIALOWSKI / AFP

Netanyahu pode contar com o apoio de Biden, apesar dos avisos recentes.

AFP PHOTO / HO / KHAMENEI.IR

No ataque de Damasco morreram sete elementos da Guarda Revolucionária.

LOUAI BESHARA / AFP

O ataque contra o consulado do Irão em Damasco, atribuído a Israel, foi a 1 de abril.

James West Davidson

"Ninguém supera Lincoln pela sua inteligência, clareza moral e, acima de tudo, humildade"

AMÉRICA Autor de *Uma Pequena História dos Estados Unidos* (Edições 70), o historiador James West Davidson analisa o sucesso da rebelião das 13 colónias da América do Norte contra o Império Britânico, assim como o caminho que levou o novo país à supremacia mundial, que mantém apesar do atual desafio chinês. Diz apreciar George Washington, o primeiro presidente, mas destaca como figura da história americana Abraham Lincoln, que ganhou a Guerra Civil e manteve a União.

ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

A vitória dos rebeldes americanos sobre o Império Britânico foi uma surpresa na época?

Quando a Guerra da Independência Americana começou, as potências europeias duvidaram de que os rebeldes americanos pudessem ter sucesso – especialmente a França, a arquirrival da Grã-Bretanha. Os americanos, por seu lado, precisavam desesperadamente da ajuda da França. Benjamin Franklin tinha sido enviado para França para ganhar o apoio desta, mas os franceses hesitaram, sem saber se estes americanos, novatos, poderiam realmente desafiar o poder da Grã-Bretanha. Quando os americanos derrotaram um dos principais Exércitos britânicos na Batalha de Saratoga, em 1777, a França assinou um Tratado de Aliança. Isso mudou o rumo do conflito. Quando a França entrou na guerra, a sua vasta Marinha forçou a Grã-Bretanha a enviar um terço das tropas que tinha na América para proteger as valiosas ilhas açucareiras nas Caraíbas. E foi a Marinha Francesa que ajudou a impedir a retirada do general inglês Cornwallis, que em 1781 foi forçado a render-se e ao seu Exército a George Washington. Isso acabou com a guerra.

A opção americana por uma república foi revolucionária para o século XVIII?

A Suíça continha na época várias repúblicas, cidades-estado independentes, mas ligadas entre si. O que havia de revolucionário no modelo americano era o seu tamanho – 13 províncias coloniais com substanciais territórios que se combinavam "nestes Estados Unidos" – note o plural! Os americanos consideravam-se parte de uma federação flexível. Os teóricos políticos da época alertavam que uma república democrática geograficamente grande não poderia sobreviver por muito tempo. Com tantas regiões, interesses económicos e classes de pessoas diferentes, as fações políticas certamente destruiriam o Governo. Mas um dos fundadores da República, James Madison, virou esse argumento de cabeça para baixo. Numa grande República, sugeriu ele, "a Sociedade divide-se numa maior variedade de interesses, de atividades, de paixões, que se controlam uns aos outros". Demorou décadas, no entanto, até que a maioria dos americanos pensasse na sua República como os Estados Unidos, em vez de uma federação "destes Estados Unidos".

"Precisamos pensar na fronteira não como uma única vaga de conquista, movendo-se de Leste para Oeste, mas sim como muitas vagas, cruzando-se umas às outras em diferentes direções."

James West Davidson
Historiador americano

George Washington, Thomas Jefferson e outros pais fundadores tinham escravos. Como conciliaram esta realidade com o ideal de igualdade?

Esta é a questão que mais profundamente se coloca à identidade americana: a relação entre a escravidão e a ideia de igualdade. Livros inteiros foram escritos sobre o assunto. Como pôde Jefferson escrever "Todos os homens são criados iguais" na *Declaração da Independência*, quando ele próprio escravizou os afro-americanos? Alguns sugeriram que mesmo os grandes indivíduos são produtos do seu tempo, e que só as gerações posteriores poderiam compreender plenamente que a igualdade deveria estender-se aos negros americanos – e às mulheres também, aliás! Mas isso deixa os fundadores escapar com muita facilidade. Na verdade, Jefferson admitiu no primeiro rascunho da *Declaração* que qualquer pessoa que escravizasse africanos roubaria os seus "direitos sagrados à vida e à liberdade". Mas disse isso apenas para culpar o rei George III por encorajar o comércio de escravos. O Congresso retirou essa passagem da *Declaração* final, sem dúvida porque parecia bastante tolo ouvir os proprietários de escravos culparem o rei por encorajar a escravatura. Jefferson, Washington e outros viam a escravidão como um mal, que esperavam que desaparecesse gradualmente. Mas não tiveram a coragem de eliminar das suas próprias vidas o sistema económico que os beneficiou tão generosamente. E, no entanto…80 anos depois, Abraham Lincoln percebeu quão extraordinário tinha sido que Jefferson, sob a "pressão de uma luta pela independência nacional por parte de um único povo", tivesse colocado uma verdade sobre *todas* as pessoas na *Declaração*. Os fundadores da nação pretendiam estabelecer a igualdade como um "padrão", sugeriu Lincoln, "que deveria ser familiar a todos e reverenciado por todos… constantemente trabalhado, e mesmo que nunca alcançado perfeitamente… constantemente espalhando e aprofundando a sua influência". E essa conquista merece elogios.

Quando começou a Guerra Civil de 1861-1865 havia risco real do surgimento de dois países rivais?

Absolutamente. Os Estados Confederados da América afirmaram que se tinham separado "destes Estados Unidos" para formar a sua própria confederação independente baseada, segundo o seu vice-presidente, Alexander Stephens, "na grande verdade, que o negro não é igual ao homem branco; que a escravidão – subordinação à raça superior – é sua condição natural e normal". O Governo de Lincoln – a União – negou que os Estados Confederados tivessem o direito de se separar e considerou que tinha empreendido uma rebelião ilegítima. Foram necessários quatro anos de duras lutas antes que o Norte prevalecesse.

Qual o lugar da conquista do Oeste no imaginário dos americanos?

A resposta tradicional seria que o século XIX viu os americanos dos Estados Unidos avançarem continuamente de Leste para Oeste através do continente – primeiro os comerciantes de peles das décadas de 1820 e 1830, depois os colonos que viajavam em carroças e, mais tarde, em comboios, através de ferrovias

ALEX WONG / GETTY IMAGES NORTH AMERICA / GETTY IMAGES VIA AFP

> *“Só no final da Segunda Guerra Mundial é que os americanos deixaram de lado as tendências proeminentes do isolacionismo, abraçaram o internacionalismo e agiram como uma potência dominante.”*

transcontinentais, com forças militares finalmente a subjugarem os nativos americanos que restavam. Esta minha *Uma Pequena História dos Estados Unidos* adota um modelo diferente, baseado em muitas investigações novas nos últimos 50 anos. Precisamos pensar na fronteira não como uma única vaga de conquista, movendo-se de Leste para Oeste, mas sim como muitas vagas, cruzando-se umas às outras em diferentes direções. Não só as pessoas, mas também os animais e até as coisas se movem ao longo destas fronteiras. Havia uma fronteira das armas, à medida que novas armas se moviam do Norte para o Oeste, comercializadas pelos franco-canadianos. Havia uma fronteira dos cavalos, movendo-se do México para o Norte. Tanto as armas quanto os cavalos transformaram a vida dos índios das planícies. E os próprios índios criaram as suas próprias fronteiras, à medida que diferentes tribos capitalizaram o poder das armas e dos cavalos. Além disso, havia fronteiras das doenças, à medida que a varíola e o sarampo varriam as planícies. Em suma, a “conquista do Oeste” é na verdade uma história multidimensional, com tradições espanholas, índias e anglo-saxónicas misturadas de formas fascinantes.

Será na soma das riquezas naturais do território e no empreendedorismo de milhões de imigrantes que devemos procurar a explicação para a prosperidade económica dos Estados Unidos?

Esse é um resumo muito bom dos fatores envolvidos! Tenho a certeza de que concordará que deveríamos incluir, juntamente com esses muitos imigrantes, as contribuições feitas por aqueles que foram escravizados e trazidos de África contra a sua vontade. As estatísticas deixam claro por que é que isto é importante, especialmente no período colonial. De 1492 a 1820, cinco vezes mais africanos escravizados vieram para as Américas do que todos os imigrantes europeus juntos. Ao longo de toda a existência do comércio de escravos, mais de 12 milhões de africanos fizeram a difícil viagem através do Atlântico e bem mais de um milhão deles morreu antes de chegar ao seu destino. Dos milhões que vieram acorrentados, mais de nove em cada dez foram para a América do Sul e as Caraíbas. Mesmo assim, a escravatura tornou-se uma parte crescente da vida colonial dos Estados Unidos e continuou a suportar a florescente economia algodoeira no século XIX.

JAMES WEST DAVIDSON
Uma Pequena História dos Estados Unidos
Edições 70
382 páginas

Quando se pode dizer que os Estados Unidos já são a potência dominante no mundo? 1918 ou 1945?

Poder-se-ia argumentar que, após a exaustão gerada pela Primeira Guerra Mundial, os Estados Unidos tornaram-se dominantes. Afinal, o presidente Woodrow Wilson foi recebido na Europa com o seu plano de paz, os *Quatorze Pontos*. Mas os Estados Unidos não ratificaram o tratado e não aderiram à Liga das Nações. Só no final da Segunda Guerra Mundial é que os americanos deixaram de lado as tendências proeminentes do isolacionismo, abraçaram o internacionalismo e agiram como uma potência dominante.

O que explica a supremacia americana no mundo hoje: o poder militar, a economia ou a força cultural?

Detesto pensar nisso em termos de ou/ou. No meio século que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, o mundo era dominado por duas superpotências atómicas e, portanto, a força militar era certamente primordial, juntamente com as alianças anticomunistas, como a NATO. O poder económico também foi fundamental durante esses anos, incluindo o *Plano Marshall*. E igualmente a influência cultural, claro, quer se fale dos ideais de igualdade democrática ou da influência mais mundana da indústria cinematográfica de Hollywood. Mas é evidente que a sua pergunta está relacionada com a supremacia “no mundo de hoje” e, nesse caso, acredito que qualquer noção de supremacia está em debate, por causa da ascensão de Donald Trump, que levanta novamente a bandeira do isolacionismo e “A América em primeiro lugar”, bem como valores culturais que são alarmantemente fascistas e não-democráticos. Sim, o presidente Biden respeita as tradições diplomáticas e militares tradicionais, mas estamos no meio de uma luta interna com enormes consequências. Qualquer conversa sobre a continuação da “supremacia” é, no mínimo, aberta a interrogações.

Os Estados Unidos derrotaram a União Soviética na Guerra Fria. O desafio chinês é mais complicado?

Sim, definitivamente mais complicado. Lembre-se de que foram necessários mais de 40 anos para “derrotar” a União Soviética num mundo bipolar de superpotências. Os Estados Unidos não estão agora numa guerra com a China – nem sequer numa “Guerra Fria”. Envolvemo-nos numa quantidade significativa de comércio bilateral, ao mesmo tempo que competimos com a China como grande potência no cenário internacional. A China tem claramente objetivos expansionistas; mas também enfrenta os seus próprios problemas económicos internos. Tal como na Guerra Fria original, esta rivalidade prolongar-se-á ao longo de décadas.

Como vê a provável repetição, em novembro, do duelo presidencial de 2020, com o democrata Biden a enfrentar o republicano Trump?

Quando digo que o seu palpite é tão bom quanto o meu, não quero ser irreverente! Desde os meus tempos de estudante universitário, no final da década de 1960, a situação mundial nunca foi tão instável e difícil de prever. Qualquer um dos candidatos pode viver até aos 95 anos, mas cada um tem problemas de saúde potencialmente graves e questões de competência mental. A Rússia está a travar uma guerra com a Ucrânia que ameaça a estabilidade europeia. O Congresso americano está atualmente disfuncional, especialmente na Câmara dos Representantes. Um candidato presidencial parece estar a ser bem-sucedido, apesar das condenações em vários julgamentos e de outros julgamentos criminais que estão por vir. Megacorporações, como TikTok, X e Meta, têm *sites* onde a desinformação é deliberadamente espalhada. Pense nos acontecimentos dos últimos dois anos. Quem poderia tê-los previsto? As múltiplas variáveis e instabilidades são demasiado numerosas e estamos todos numa jornada acidentada.

Quem acha que é a maior figura da História americana, agora que estamos perto de comemorar os 250 anos da *Declaração da Independência* de 1776?

Passei a apreciar o reservado Washington à medida que estudei mais sobre ele, mas para mim na História americana ninguém supera Abraham Lincoln pela sua inteligência, clareza moral e, acima de tudo, humildade. O seu segundo *Discurso de Tomada de Posse*, em 1865, é provavelmente o discurso mais notável da História americana. A guerra estava praticamente ganha e a União vitoriosa. No entanto, Lincoln não afirmou que a justiça estava do seu lado, nem que Deus havia abençoado a vitória. A escravidão estava no centro do conflito, disse ele. Todos sabiam disso. Mas “nenhuma das partes esperava, para a guerra, a magnitude ou a duração que ela já atingiu... Cada uma procurava um triunfo mais fácil e um resultado menos fundamental e surpreendente... Pode parecer estranho que qualquer homem ouse pedir a ajuda justa de Deus para ganhar o pão à custa do suor do rosto de outros homens, mas não julguemos, para não sermos julgados. As orações de ambos não puderam ser respondidas. Isso de nenhum dos dois foi totalmente respondido. O Todo-Poderoso tem Seus próprios propósitos.” Mas nos tempos incertos de hoje, penso também em Benjamin Franklin. Quando a Constituição Americana foi finalizada, uma mulher comum na rua parou-o e perguntou: “Bem, doutor, o que temos? Uma república ou uma monarquia?” “Uma república, se conseguir mantê-la”, respondeu Franklin. O destino de qualquer Governo depende, em última análise, dos seus cidadãos. Acima de tudo, isto é algo que nós, americanos, não devemos esquecer.

BREVES

Novo capítulo entre a China e a Coreia do Norte

O líder norte-coreano, Kim Jong-un, e o principal legislador da China saudaram ontem um "novo capítulo" nas relações Pequim-Pyongyang, numa das reuniões de mais alto nível entre os aliados, em anos. Zhao Leji, presidente do Congresso Nacional do Povo, terminou este sábado uma visita de boa vontade à Coreia do Norte, enquanto os dois países comemoram 75 anos de relações diplomáticas. Zhao disse a Kim que a China está disposta a "promover a cooperação bilateral prática e mutuamente benéfica para alcançar novos resultados, continuar a dar um forte apoio mútuo e a salvaguardar os interesses comuns de ambos os lados". Já Kim afirmou que o Norte está interessado em "aprofundar a amizade tradicional e escrever um novo capítulo nas relações entre a República Popular Democrática da Coreia e a China".

Situação piorou na frente leste da Ucrânia

A situação na Frente Leste da Ucrânia "deteriorou-se consideravelmente nos últimos dias", admitiu ontem o comandante-chefe ucraniano Oleksandr Syrskyi, observando uma intensificação da ofensiva do Exército russo, que está a avançar na direção de Chasiv Yar. "Isto deve-se principalmente a uma intensificação significativa da ofensiva inimiga após as eleições presidenciais na Rússia", escreveu Syrskyi no Telegram, afirmando que as áreas "mais problemáticas" foram reforçadas, em particular com defesas antiaéreas. O Exército russo está a atacar as posições ucranianas nos setores de Lyman e Bakhmut "com grupos de assalto apoiados por veículos blindados", bem como no setor de Pokrovsk, acrescentou. Syrskyi explicou ainda que "o tempo quente e seco tornou possível o acesso dos tanques à maior parte das áreas abertas".

Análise
Germano Almeida

Estratégia Biden em fase de correção

Joe Biden parte para a tentativa de reeleição numa posição complicada: com uma taxa de aprovação de 40%, é o presidente em funções a buscar um segundo mandato com menor popularidade desde a II Guerra Mundial, estando ligeiramente abaixo do valor de aprovação que tinham Trump (43%) e Obama (47%) em períodos homólogos.

Desde setembro do ano passado que Biden surge consistentemente atrás de Trump nas sondagens para novembro, ainda que, nas últimas três semanas, o presidente tenha recuperado alguns pontos e apareça tecnicamente empatado no duelo com o seu antecessor.

A pouco mais de 200 dias da eleição mais importante de todas neste 2024 de todos os atos eleitorais um pouco por todo o mundo, o duelo Biden/Trump está basicamente empatado.

A última sondagem *Forbes*/Harris aponta mesmo para 50-50. Na Quinnipiac Biden está três pontos à frente (48/45); na FOX Trump surge com cinco pontos de vantagem (50/45); na Morning Consult Trump tem mais um (44/43), tal como na Emerson (46/45); no NPR/Marist Biden surge dois pontos à frente (50/48); no Data for Progress Biden está com mais um (47/46); na Reuters/Ipsos o democrata surge com mais quatro (41/37) e na TIPP Biden também lidera, com mais três pontos (43/40).

Capitalizar o Estado da União

O discurso do Estado da União, realizado há um mês, teve grande aceitação e parte do dinheiro da campanha Biden, desde aí, está a ser aplicado em anúncios com ideias fortes passadas nesse momento, especialmente nos estados decisivos.

Super PAC ligadas aos sindicatos e a comités de ação de defesa de minorias prometeram 230 milhões para anúncios de Biden nos meses decisivos de setembro e outubro, só para os sete estados que deverão ditar o resultado final: Pensilvânia, Michigan, Wisconsin, Geórgia, Arizona, Carolina do Norte e Nevada.

Parte do dinheiro habitualmente gasto nos anúncios televisivos está a ser transferido para o YouTube e para o TikTok, no sentido de agarrar o voto jovem, perante sinais repetidos de que Biden estará com problemas nesse segmento. Os estrategas da campanha Biden acreditam que bastará fixar a grande maioria dos 81 milhões que votaram Biden em 2020 para voltar a ganhar.

A estratégia Biden está em plena fase de correção, depois de alguns meses aparentemente perdidos. A ideia forte será a de explicar aos eleitores que o risco de Trump voltar à Casa Branca põe mesmo em causa a democracia. Nas intercalares de 2022, isso funcionou. Desta vez, com Trump e não apenas os seus candidatos a aparecer nos boletins, o argumento pode ganhar ainda mais força.

Campanha Biden com mais dinheiro

A campanha Biden arrecadou muito mais dinheiro que a campanha Trump até agora. No acumulado disponível, o lado Biden tem mais 30 milhões que o de Trump. Nos grandes contribuidores (acima de 200 dólares), a diferença não é muito grande: 73,1 para 61,6 milhões. Mas nas pequenas contribuições a diferença é enorme: 60/34. As pequenas contribuições são 45% do total Biden. Será difícil que isto não vá ter alguma consequência no terreno, embora não diga tudo.

Enquanto isso, Trump tenta livrar-se da multa de 464 milhões de dólares por fraude civil de que foi condenado – e mesmo que a consiga reduzir, isto mostra-nos como o dinheiro, por capricho do destino, pode ser um grande problema para o multimilionário Donald, no seu caminho até novembro.

O mistério da perceção económica

Durante os anos Reagan, a inflação nos EUA estava nos 18%. Hoje, com Biden, está nos 3,15% (e possivelmente a descer). Com Reagan a taxa de desemprego, pelos Anos 80 do século passado, estava nos 9%. Hoje é pouco mais de um terço disso.

A Economia americana criou 303 mil novos postos de trabalho em março (muito acima dos 200 mil esperados pelo Dow Jones). A taxa de desemprego baixou para os 3,8% e os salários subiram 0,3% no mês e 4,1% em termos anuais. O setor da Saúde contribuiu com 72 mil novos empregos, a seguir Governo/Administração federal (71 mil), lazer e turismo (49 mil) e construção (39 mil).

No entanto, grande parte dos americanos associa a Reagan mais sucesso económico do que Biden, enquanto presidentes de duas fases tão diferentes da América. É a armadilha da perceção económica.

Janet Yellen, secretária do Tesouro da Administração Biden, é clara: "A economia americana está a disparar a todo o vapor. Os consumidores estão a sentir isso nas carteiras".

A "realidade" é só o que sentimos?

Na última sondagem *New York Times*/Siena, apenas 26% dos inquiridos descrevem as atuais condições económicas como excelentes ou boas, em comparação com 74% que dizem que são apenas razoáveis ou más. Isto representa uma melhoria modesta em relação a meados do ano passado, mas é muito baixo para o que, na verdade, está a acontecer.

Ou será que a "realidade" é só o que sentimos?

Entre os eleitores da classe trabalhadora (não-universitários), os sentimentos são particularmente negativos: apenas 20% têm uma visão positiva das condições económicas.

Os eleitores são mais positivos em relação à sua situação financeira pessoal, divididos entre excelente/bom e apenas razoável/mau. Mas é muito mais provável que digam que as políticas de Biden os prejudicaram pessoalmente (43%) do que os ajudaram (18%) e que as políticas de Trump os ajudaram pessoalmente (40%) em vez de os prejudicarem (25%).

Menos de um quarto (23%) acredita que a economia está melhor do que há um ano e menos de um quinto (19%) crê que está melhor do que há quatro anos.

E as perceções dos eleitores são muito negativas numa vasta gama de áreas económicas: preços dos alimentos e bens de consumo (88% apenas razoáveis ou pobres); o mercado imobiliário (79%); preços do gás (83%); e salários e rendimentos (70%).

Em todas estas questões económicas, as opiniões dos eleitores da classe trabalhadora são claramente mais negativas do que a dos eleitores em geral.

Na última sondagem da *CBS News*, apenas 23% dizem que a sua situação financeira pessoal melhorou nos últimos anos, em comparação com 55% que dizem que piorou (29% dizem que não houve mudança). Durante a presidência de Trump, 65% dos inquiridos caracterizam-na como boa e não-má, enquanto a economia de Biden é vista como má por 59%.

Na última sondagem do *Wall Street Journal*, 57% dos eleitores acreditam que a economia piorou em vez de melhorar nos últimos dois anos. 68% acreditam que a inflação seguiu na direção errada durante o ano passado (isto apesar de os factos mostrarem que o caminho de redução foi até mais rápido do que se esperava…), 50% que a sua situação financeira pessoal tomou a direção errada e 65% que a capacidade do cidadão comum para progredir seguiu na direção errada.

Sucesso em risco de ser penalizado nas urnas

Chega a ser difícil de compreender, mas torna-se impossível de ignorar: Biden tem uma presidência muito bem-sucedida no desempenho económico, mas, pelo menos para já, corre o risco de ser penalizado eleitoralmente por fatores de perceção económica.

Está visto: a estratégia de reeleição de Biden precisa mesmo de continuar em rota de correção.

Especialista em Política Internacional

FREDERIC J. BROWN / AFP

A procura mundial de petróleo desacelerou no primeiro trimestre, indica a Agência Internacional de Energia.

Tensão no Médio Oriente empurra petróleo para máximos de 6 meses

COMBUSTÍVEIS *Brent* começou o ano nos 76 dólares o barril e já está acima dos 90. Apesar disso, na próxima semana, o preço do gasóleo deve baixar 2 cêntimos e a gasolina meio cêntimo.

TEXTO **ILÍDIA PINTO**

O agravamento das tensões geopolíticas no Médio Oriente e a recuperação da economia chinesa estão a pressionar, em alta, as cotações do petróleo, que estão já acima dos 90 dólares o barril, em máximos desde outubro de 2023. Apesar disso, na próxima semana, o preço dos combustíveis em Portugal vai descer, cerca de dois cêntimos no litro de gasóleo e meio cêntimo na gasolina.

Assim, o gasóleo deverá custar, em média, 1,623 euros por litro e a gasolina simples 95 cerca de 1,804 euros por litro. Comparativamente ao início do ano, o preço médio da gasolina aumentou já quase 10% e o do gasóleo acumula já mais de 3,5%, embora, neste caso, o pico mais alto tenha sido atingido em meados de fevereiro, com o gasóleo simples a custar 1,664 euros. Desde então mantém uma tendência de descida.

A gasolina, pelo contrário, tem estado consistentemente a subir. E é provável que assim se mantenha, se não houver alterações no conflito israelo-árabe e na guerra na Ucrânia

"Os alegados ataques de Israel à embaixada iraniana em Damasco, elevaram o receio de que o Irão, um dos principais produtores mundiais de petróleo, pudesse entrar diretamente no conflito do Médio Oriente, podendo afetar a oferta global de petróleo. Com base nessa ideia, e na expectativa de que o consumo venha a subir nos próximos trimestres, o interesse comprador de petróleo subiu e os preços do *brent* dispararam para cima dos 90 dólares o barril", refere o analista da IMF, Ricardo Marques.

No entanto, lembra que há que ter em conta que os preços dos combustíveis são formados com base nas cotações dos derivados de petróleo, entre outras variantes, e que, precisamente porque os preços do gasóleo na Europa não acompanharam a subida das cotações do *brent*, para já, não houve reflexo nos preços que vão vigorar nas bombas de gasolina na próxima semana.

> As cotações futuras do *brent* estão altamente dependentes da evolução das economias chinesa e americana e de como o conflito israelo-árabe evolui.

Já Paulo Rosa, do Banco Carregosa, lembra que, "apesar da manutenção dos cortes de produção de crude por parte da OPEP+ nos últimos três meses de 2023 e do eclodir do conflito Israel-Hamas no dia 7 de outubro, a cotação do barril de petróleo *brent* manteve-se numa tendência de queda durante quase todo o último trimestre do ano passado, tendo apenas encetado uma recuperação em meados de dezembro", com a "debilidade da economia chinesa", maior importador global de petróleo, a manter fraca a procura, contribuindo para a descida do preço do petróleo.

A questão é que, entretanto, "o agravamento das tensões geopolíticas no Médio Oriente, sobretudo agudizadas pelos ataques dos *houthis* no Mar Vermelho a partir de dezembro, tem aumentando significativamente os custos do transporte marítimo, e o ressurgimento da economia chinesa no início deste ano, impulsionaram novamente a cotação do barril de petróleo nos últimos meses."

O analista aponta, ainda, o efeito da "relativa robustez" da economia norte-americana, "suportada pelo resiliente mercado de trabalho", a pressionar a procura de petróleo. E, por isso, Paulo Rosa defende que, se a economia chinesa continuar a recuperar e a americana mantiver a sua trajetória, "é provável que a cotação do barril de petróleo mantenha a tendência de alta", sobretudo se houver um agravamento das tensões geopolíticas globais, nomeadamente no Médio Oriente.

Henrique Tomé, da XTB, explica, por seu turno, que há três variáveis a contribuir para a subida dos preços do petróleo, tanto do *brent*, cotado em Londres, como do crude na Bolsa de Nova Iorque. Antes de mais, é a forma como a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (a OPEP) delibera manter, aumentar ou cortar na produção mundial de petróleo que mais influi sobre o preços. E, embora os 12 países membros tenham aumentado a sua produção combinada, em fevereiro, para 26,57 milhões de barris por dia, mais 203 mil do que em janeiro, a oferta continua a ser menor do que a procura, mantendo as cotações em alta.

Por outro lado, os analistas apontavam para fortes abrandamentos no crescimento das principais economias, quando, a realidade, mostra que estas se mantêm resilientes, com efeitos do lado da procura.

Por fim, as já referidas tensões no Médio Oriente e o risco de o conflito alastrar ao Irão, que é um dos grandes produtores de petróleo, é a terceira variável a ter em conta.

Mas Henrique Tomé acredita que, "apesar de existirem hipóteses de os preços continuarem a subir a curto prazo, a longo prazo, as perspetivas podem ser diferentes, dado que as principais economias deverão começar a sentir o efeito real (e total) das fortes subidas dos juros conduzidas pelos bancos centrais que têm como objetivo arrefecer a atividade económica".

Esta semana, a OPEP divulgou o seu relatório mensal, no qual prevê que o consumo mundial de petróleo aumente, em 2024, para uma média de 104,46 milhões de barris por dia, mais 2,5 milhões, ou 2,2%, do que em 2023. Isto, apesar de a Agência Internacional de Energia ter indicado que, no primeiro trimestre de 2024, a procura mundial de petróleo continuou a desacelerar para 1,6 milhões de barris por dia, menos 120 000 barris do que inicialmente previsto. Um abrandamento devido à "procura excecionalmente fraca" dos países da OCDE, especialmente na Europa.

ilidia.pinto@dinheirovivo.pt

IVAN DEL VAL/GLOBAL IMAGENS

FC Porto desnorteado perde mais dois pontos no Dragão

I LIGA Terceiro jogo consecutivo sem vitória para a equipa de Conceição, que não foi além de um empate (2-2) perante um Famalicão, onde Cádiz foi a principal figura graças aos seus dois golos.

TEXTO **NUNO COELHO**

E a crise continua no Dragão. Pelo terceiro jogo seguido, o FC Porto não conseguiu vencer, cedendo um empate caseiro a duas bolas frente ao Famalicão, que esteve sempre na frente do marcador, e tem o terceiro lugar em risco, para desagrado dos seus adeptos. O desnorte da equipa de Sérgio Conceição ficou bem evidente já na compensação, quando Evanilson foi expulso por agressão, falhando assim a segunda mão das meias da Taça, único título ainda ao alcance da equipa. "Temos de melhorar a nossa cabeça", confessou no final o guarda-redes Diego Costa: há oito anos que o clube não estava três partidas seguidas sem vencer na Liga.

Em tempos já agitados no reino do dragão, com as eleições à porta (estão agendadas para daqui a duas semanas e o tom tem subido entre os candidatos à presidência) e uma série de maus resultados (duas derrotas seguidas), a partida até começou com uma boa notícia para os homens de Sérgio Conceição, graças ao empate do Vitória SC, um dos dois adversários minhotos que estão a morder os calcanhares ao FC Porto.

Numa tarde quente, o técnico azul e branco fez várias alterações em relação à equipa que perdeu frente aos vimaranenses na ronda anterior. Sem Pepe (castigado) e Fábio Cardoso (lesionado), Conceição optou por deixar Galeno, Alan Varela e Namaso no banco, fazendo alinhar Otávio e Zé Pedro no centro da defesa, Grujic e Iván Jaime no meio-campo e Evanilson após um descanso forçado. Do outro lado, Armando Evangelista, embalado por duas vitórias seguidas, não pôde contar com os castigados Riccieli e Chiquinho, pelo que De Haas e Sorriso arrancaram no onze inicial.

> O jogo ainda teria a expulsão de Evanilson (a nona na Liga), desfalcando a equipa para quarta-feira, e no final nova assobiadela mostrou o desagrado das bancadas.

Mas quem arrancou um sorriso ao novo técnico famalicense foi Jhonder Cádiz, logo aos nove minutos. Depois de um início animado, na primeira vez que o minhotos se acercaram da baliza de Diogo Costa, o dianteiro venezuelano arrancou um magnífico cabeceamento entre os centrais da casa após um cruzamento perfeito de Puma Rodríguez da direita. E seria também desse flanco, mas do outro lado do campo, que o FC Porto construiu a rápida resposta ao tento inicial dos visitantes: mérito para Evanilson a ganhar a bola em carrinho na linha de fundo, e para Francisco Conceição, que tentou colocar a bola no centro da área depois de se livrar da marcação. Uma tabela em Zaydou foi o suficiente para trair Luiz Júnior e o empate estava restabelecido quando o cronómetro assinalava 17 minutos de jogo.

Com uma dupla inédita no centro da defesa, o FC Porto apanhou novo susto aos 26'. Mais um centro da direita e Sorriso, sem marcação, surgiu a cabecear. Desta vez, porém, o sorriso acabou por ser da cor da camisola dos forasteiros, dado que o remate saiu longe do alvo apesar das circunstâncias favoráveis.

Nem empate trava assobios

Tendo Pepê nas costas de Evanilson sem espaço para fazer a diferença, cabia a Francisco Conceição desequilibrar no flanco. Como sucedeu aos 34' num lance em que conseguiu puxar para dentro e rematar uma bola que saiu à figura do guardião visitante. Também de longe foi a resposta famalicense, num tiro de Gustavo Sá que saiu rente ao poste esquerdo de Diogo Costa (40'). Não foi aí mas os visitantes ainda foram para o intervalo em vantagem, com o mesmo jogador a construir o lance, novamente da direita tal como no tento inaugural, em que Cádiz só teve de desviar para a baliza o cruzamento rasteiro depois de escapar à marcação desleixada de Jorge Sánchez (45'+1), assinando o sétimo bis da carreira. E quando o apito para o intervalo surgiu, logo a seguir, foi bem audível o descontentamento das bancadas...

No balneário, Conceição também não devia estar satisfeito e arriscou logo três substituições, lançando Alan Varela (por Grujic), Galeno (Iván Jaime) e Taremi (Jorge Sánchez, recuando Pepê para a

ESTÁDIO DO DRAGÃO (PORTO)
ÁRBITRO GUSTAVO CORREIA (AF PORTO)

FC PORTO	FAMALICÃO
2	2
DIOGO COSTA	LUIZ JUNIOR
JORGE SANCHEZ (45')	NATHAN
ZÉ PEDRO	ENEA MIHAJ
OTÁVIO	JUSTIN DE HAAS
WENDELL (81')	FRANCISCO MOURA
NICO GONZALEZ (87')	ZAYDOU YOUSSOUF (86')
MARKO GRUJIC (45')	MIRKO TOPIC
FRANCISCO CONCEIÇÃO	PUMA (75')
IVÁN JAIME (45')	GUSTAVO SÁ (65')
PEPÊ	SORRISO
EVANILSON	JHONDER CADIZ (87')
TREINADOR	**TREINADOR**
SÉRGIO CONCEIÇÃO	ARMANDO EVANGELISTA
SUBSTITUIÇÕES	**SUBSTITUIÇÕES**
TAREMI (45')	FILIPE SOARES (65')
ALAN VARELA (45')	ALEXANDRU DOBRE (75')
GALENO (45')	GUSTAVO ASSUNÇÃO (86')
NAMASO (81')	OSCAR ARANDA (87')
EUSTÁQUIO (87')	

GOLOS: JHONDER CADIZ (9', 45+1'), ZAYDOU YOUSSOUF (17, A.G.), TAREMI (82')
CARTÕES AMARELOS: OTAVIO (43'), WENDELL (59'), ZAYDOU YOUSSOUF (68'), JHONDER CADIZ (83'), ALAN VARELA (83'), ENEA MIHAJ (90+4')

CARTÕES VERMELHOS: EVANILSON (90+3')

posição do mexicano), que se juntou a Evanilson na frente. Equipa mudada, sistema idem, e um lance de perigo logo a abrir, que a defesa visitante cortou para canto.

O FC Porto surgiu melhor e com o Famalicão a defender num bloco mais baixo, a bola andou mais vezes junto da baliza visitante. Até chegou a haver golo, prontamente anulado por falta clara de Conceição sobre Luiz Júnior,

Mesmo assim, seria Cádiz a pregar novo susto, com Otávio a evitar o pior, compensado um erro do seu parceiro de defesa, mas após a saída de Gustavo Sá, o FC Porto criou duas belas situações para igualar. Todavia, Evanilson primeiro e Nico González depois, permitiram a defesa ao guarda-redes adversário. Com o Famalicão cada vez mais desgastado e a juntar um quinto (e depois um sexto) elemento à linha defensiva, o empate parecia inevitável: Evanilson e Taremi (72') colocaram de novo Luiz Júnior à prova, com o iraniano a falhar isolado (74'). Pelo meio. Puma Rodríguez também teve boa hipótese mas o 2-2 surgiria mesmo, num lance de Galeno que cruzou para Taremi finalizar no coração da área (82'), naquele que foi o seu primeiro golo como dragão desde... dezembro. Para compensar da pior forma, o jogo ainda teria a expulsão de Evanilson (a nona na Liga), desfalcando a equipa para quarta-feira, e no final nova assobiadela mostrou o desagrado das bancadas.

dnot@dn.pt

Diogo Costa "envergonhado" e Conceição revoltado: "Querem meter o norte fora do mapa"

CRISE Treinador voltou a contestar a arbitragem em mais um jogo polémico e guarda-redes pediu "reflexão interna".

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Após o empate do FC Porto com o Famalicão (*ver texto principal*) Sérgio Conceição voltou a ser muito crítico em relação às arbitragens e deixou no ar acusações a terceiros, a quem acusou de querer tirar a região Norte do mapa desportivo. Já Diogo Costa assumiu "vergonha" pelo mau momento.

"O primeiro remate do adversário é golo. Andamos sempre a correr atrás do prejuízo. Depois há situações muito dúbias. Há muita facilidade em expulsar jogadores nossos. Estou a lembrar-me de uma ou outra situação em que era o segundo amarelo para o jogador do Famalicão. Não quero só falar dessas situações, houve demérito nosso. Podíamos e devíamos ter feito mais na primeira parte. Está um ambiente difícil por tudo. Hoje é simples e fácil. Querem meter esta região norte fora do mapa do sucesso desportivo, que a equipa tem de ter em Portugal e na Europa", disse o técnico do FC Porto sem concretizar a ideia.

Depois de uma semana em que sentiu que a equipa fez bons treinos e deu tudo na preparação do encontro com o Famalicão, o treinador esperava outra atitude e resultado: "Este ambiente que se vive não é bom para ninguém. Cabe a nós mudar. Há, também, a infelicidade de a terceira equipa jogar contra nós. Mas, disso, não vale a pena falar mais. Agora, há que baixar a cabeça para depois voltar a levantar."

A equipa saiu do relvado assobiada pelos próprios adeptos. Algo normal, segundo Conceição: "Momento difícil para todos, os nossos adeptos têm toda a legitimidade e razão para assobiar, porque não ganhamos. Estranho foi na última semana, frente ao Vitória de Guimarães, aplaudirem quando perdemos. Estou habituado a públicos exigentes. Mas, quanto ao jogo, é um arrastar do momento."

Já Diogo Costa sofreu dois golos e no final do jogo da 29.ª jornada da I Liga deu a cara como capitão (na ausência de Pepe, que cumpriu castigo) e falou do mau momento da equipa e de uma crise de resultados poucas vezes vista na era Sérgio Conceição. "O nosso estado emocional não é o melhor. Entramos sempre entrar a perder. Temos de olhar para nós. Há muita coisa a melhorar, principalmente na nossa cabeça. Esta não é a melhor maneira de representar o FC Porto. Temos muito que pensar. Olhar para dentro e ser humilde. Quando falamos em defesa ela começa nos avançados. Sempre treinámos muito bem, mais uma vez entrámos a perder, reagimos, mas já vamos tarde. Há muita revolta, não é fácil de lidar, mas temos de olhar para nós e temos fazer melhor", disse o número 1 da baliza portista.

"Momento difícil para todos, os nossos adeptos têm toda a legitimidade e razão para assobiar, porque não ganhamos. Estranho foi na última semana, frente ao Vitória de Guimarães, aplaudirem quando perdemos. Estou habituado a públicos exigentes."

Sérgio Conceição
Treinador do FC Porto

"Como jogador da casa sinto-me envergonhado. É muito trabalho e muito azar, muita gente contra nós, mas temos de melhorar o nosso controlo emocional e ir à procura de melhor. Temos de deixar a revolta de lado e fazer o melhor para o nosso clube. Temos de ser mais inteligentes que os adversários. Eles procuram picar-nos porque sabem que somos emocionais, mas temos de ter esse controlo", confessou o guardião.

Sobre a expulsão de Evanilson "Temos de ser mais inteligentes que os adversários. Eles tentam picar-nos porque sabem que somos muito emocionais, mas temos de ter esse controlo para poder dar o melhor ao clube."

isaura.almeida@dn.pt

ANTÓNIO FÉLIX DA COSTA

Félix da Costa vence corrida de Fórmula E em Itália

António Félix da Costa (Porsche) conquistou ontem a primeira vitória da temporada no Mundial de Fórmula E, para carros elétricos, ao vencer a primeira de duas corridas do fim de semana em Misano, Itália. O piloto natural de Cascais, que largou da 14.ª posição, concluiu a prova em 40.04,766 minutos, deixando os britânicos Oliver Rwland (Nissan) e Jake Dennis (Andretti) nos outros lugares do pódio. "Foi uma corrida incrível", disse Félix da Costa que hoje tentará repetir o feito na segunda corrida de Misano.

BESIKTAS

Santos sai após 5 jogos sem vencer

Fernando Santos deixou o comando técnico do Besiktas após o quinto encontro consecutivo sem vencer na Liga turca de futebol. Ontem empatou em casa diante do Samsunspor (1-1), em encontro da 32.ª jornada. Com dois empates e três derrotas seguidas, o Besiktas manteve-se no quarto lugar, com 48 pontos, mais dois do que o Kasimpasa, que perdeu na receção ao Konyaspor. O técnico português venceu apenas sete dos 16 encontros.

The Sympathizer: a arte de estar entre duas culturas

SÉRIE A adaptação do romance homónimo de Viet Thanh Nguyen chega esta segunda-feira à HBO Max. Um relato vivo, em sete episódios, de um espião que, depois da Guerra do Vietname, se manteve em missão secreta a partir de Los Angeles. Robert Downey Jr. abrilhanta o elenco e Hoa Xuande é a jovem revelação.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

"Sou um espião, um infiltrado, um malsim, um homem de duas faces. Não será porventura uma surpresa que seja também um homem de duas mentes." As primeiras linhas de *O Simpatizante*, livro de Viet Thanh Nguyen (editado entre nós pela Elsinore, com tradução de Maria do Carmo Figueira), estabelecem o ponto intercultural em que se situa esta história vencedora do *Pulitzer*. História agora convertida numa minissérie de sete episódios que, entre o Vietname do Sul e Los Angeles, reflete a ginástica de espírito de um homem obrigado a dar continuidade à sua missão de agente secreto, em terras estadunidenses, após a queda de Saigão, evento que ditou o fim da guerra em abril de 1975, "um mês de importância capital para toda a gente da nossa pequena parte do mundo e de nenhuma para a maioria das pessoas no resto do mundo", como se lê no romance do autor americano nascido no Vietname.

Com o título mantido no original, *The Sympathizer*, a série que amanhã se estreia na HBO Max firma-se inteiramente nessa condição de um protagonista dividido, ou multifacetado. Um indivíduo sem nome, conhecido apenas como Capitão, que carrega a dualidade nos genes, enquanto filho de uma vietnamita e de um colono francês, vivendo-a através de um par de línguas faladas impecavelmente (o inglês e o vietnamita) e de dois amigos que representam lados opostos (o que odeia o vietcongue e o comunista por trás da sua atividade secreta).

Em suma, um narrador que, em estilo satírico, contém a riqueza de visões necessária para derramar na página o relato mais fidedigno, e neutro, da realidade: assim acontece tanto na série como no livro, com o Capitão, prisioneiro político num Campo de Reeducação vietnamita nos anos posteriores à guerra, a escrever a sua confissão... sem dispensar os condimentos ficcionais.

Como trazer para o ecrã este caráter duplo? A pergunta foi feita mais ou menos assim numa mesa-redonda virtual em que o DN participou, com Hoa Xuande, o jovem talento australiano de ascendência vietnamita que veste a pele do Capitão, e a bem conhecida Sandra Oh, que protagoniza a vertente amorosa do agente.

"Acho que essa é a natureza própria do espião", começa por dizer Xuande. "Mas, acima de tudo, o Capitão é um ser humano e está a lutar pela sobrevivência". Afinal, é preciso considerar o contexto histórico: "Tentei mergulhar fundo nos factos daquele período, perceber a psicologia e o que é que as pessoas pensavam, o seu ideário, procurando os relatos de quem se mexeu para sobreviver à guerra... Ao interpretar esta personagem, agarrei-me a tudo isso. E a verdade é que, quando falamos de sobrevivência em lugares diferentes – o Vietname do pós-guerra e Los Angeles –, as perspetivas mudam, tende-se a 'simpatizar' com o território inimigo."

Hoa Xuande e Robert Downey Jr., uma dupla espetacular em si mesma.

É complexo. Mas ao assistir a *The Sympathizer* compreende-se a afirmação de Xuande. Na série criada por Park Chan-wook (realizador dos três primeiros episódios) e Don McKellar testemunham-se diversas manifestações de simpatia pela América, por parte dos refugiados vietnamitas que, após a queda de Saigão, tentaram reinventar-se.

A única personagem que se afasta desse quadro é a figura acima do Capitão, simplesmente designado General, um veterano que não se conforma com a pátria perdida.

Postura em tudo contrastante com a da asiática interpretada por Sandra Oh, que espelha a atitude da assimilação... tanto na indústria de Hollywood como na narrativa em apreço: "Logo no início da minha carreira, fiz questão de ser identificada como atriz. Ponto final. Uma atriz com as mesmas oportunidades das outras atrizes brancas. Daí que tenha alguma piada, e seja provocador, quando conhecemos a Sofia Mori [personagem], ela ter aquela expressão imediata de 'Eu sou americana'. Porque, no fundo, ela acaba por se deparar posteriormente com a pergunta: o que é isso de ser americana? Onde quero chegar é que a identidade étnica é tão importante como a referida identidade americana. No meu caso, e nesta fase mais avançada da carreira, preciso de assumir o todo da minha identidade, o todo do meu 'Eu' na personagem." Em *The Sympathizer*, alguém que "começa a questionar se foi cúmplice com aquilo contra o qual sempre lutou. Isto é, o patriarcado e o racismo".

As vozes vietnamitas

Este é um aspeto importante da série, enquanto projeto que vai além do ângulo americano, restituindo alguma dignidade histórica, sem precisar de recorrer aos métodos do dramalhão sisudo para se constituir um objeto sério. Com plena consciência disso, Hoa Xuande deixou-se tomar por uma iluminação pessoal.

"Os vietnamitas que trazem con-

Hoa Xuande/o Capitão e os seus amigos no Vietname.

sigo o trauma desta guerra, nunca foram realmente ouvidos, e isso pesa-me. Aliás, quis que esse ónus estivesse na personagem. O que me fez valorizar a minha própria história como nunca antes...", disse, com a hesitação da procura das palavras, que Sandra logo rematou: "É isso! É como se se dissesse para dentro 'esta é a história do meu povo e eu não a conhecia'. Para mim, estar no *set* com um elenco que é maioritariamente composto por vietnamitas – vietnamitas australianos, canadianos, americanos, ou mesmo só do Vietname – foi como uma experiência total de ouvir as suas histórias em primeira mão e ver pessoas, de diferentes gerações, em contacto com uma dor tremenda pela primeira vez. Isso abriu-me os olhos... Há aqui muitas histórias e sofrimento que precisam de ser abordados delicadamente por quem de direito."

Seja como for, as virtudes de *The Sympathizer* não se medem só pelas particularidades do seu elenco, nem por qualquer sentido de justiça representativa – essa é matéria que vem do romance, e à qual as imagens conferem uma vibração feliz. No departamento da realização, porém, talvez se possa apontar um desnível entre os episódios iniciais, com assinatura de Park Chan-wook, e os restantes (o quarto é realizado por Fernando Meirelles e os três últimos por Marc Munden).

Se pela mão do coreano que nos deu *Oldboy – Velho Amigo* tudo é imageticamente intenso e tónico, com uma câmara que incorpora a inteligência do drama *thrillesco* mesclado de sátira, nos episódios que se seguem a temperatura é mantida, sobretudo, através da engrenagem já bem oleada dos atores, que assimilaram o toque negro do coreano.

Como é estar às ordens de um cineasta de culto? "No início da rodagem, eu estava simplesmente nervoso e inseguro", conta Xuande, "mas no comando calmo de Park Chan-wook – e ele sabe exatamente o que quer, é um realizador muito específico e detalhado – ganha-se confiança. Para o fim, já só me enviava sinais... O que é engraçado, tendo em conta que ele fala coreano no *set*, com tradutor, mas às tantas eu já só estava atento à sua linguagem corporal."

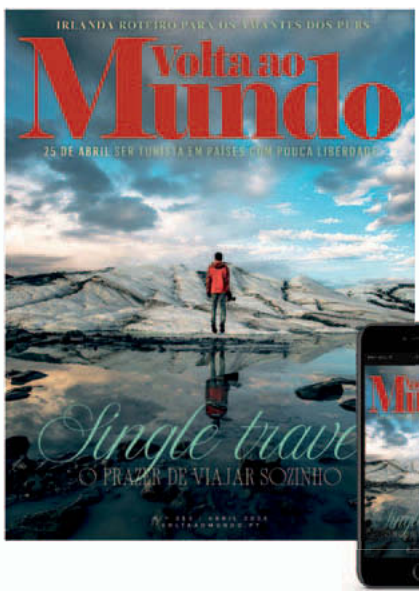
A segunda vida de Robert Downey Jr.

Para além de Park Chan-wook, o principal chamariz de *The Sympathizer* será mesmo Robert Downey Jr., que depois do Óscar recente pelo papel secundário em *Oppenheimer* parece estar a renascer da fase em que as suas habilidades performativas andaram praticamente ocultas debaixo do fato do Homem de Ferro...

Algo aqui restabelecido da forma mais notória possível. A saber, Downey Jr. não interpreta uma, mas sim quatro (!) personagens, sob uma variedade cómica de disfarces: é um funcionário da CIA, que acaba por orientar o Capitão nas lides dos serviços de informação; é o professor que se encarregou dos seus estudos em Los Angeles, cultivando a filosofia oriental; é um congressista do sul da Califórnia, que anda a aproveitar-se dos refugiados vietnamitas; e é um realizador que vai oferecer ao protagonista um trabalho como consultor numa produção a meio caminho entre *Apocalypse Now* e *Tempestade Tropical*...

Sobre esta dupla formada pelo Capitão e qualquer uma das personagens de Downey Jr., o DN perguntou a Xuande sobre a origem da química entre os dois, e a resposta veio com um largo sorriso por parte de quem ainda está a entrar na máquina da indústria: "Não poderia pedir uma melhor experiência em termos de primeira rodagem de uma grande produção. Ter alguém assim, reconhecido, famoso, alguém que veneras porque cresces a vê-lo nos filmes, na televisão, e de repente estares a trabalhar com ele... Enfim, o Robert é tão humilde, tão terra a terra, espirituoso e divertido, que desde o início definiu esse tom no nosso trabalho conjunto. Do género, pôs-me a mão no ombro e disse: 'Mano, vamos dar cabo disto juntos!' Isso fez-me sentir à vontade para brincar e tirar gozo das cenas. Durante seis meses foi assim, tudo orgânico e natural, o que me aliviou imenso o nervosismo em relação à rodagem."

Ora bem: não há sombra de nervos quando os vemos interagir.

dnot@dn.pt

Prova de Vida*

António Marinho e Pinto

TEXTO **ANTÓNIO ARAÚJO**

António Marinho e Pinto, o demagogo que os advogados portugueses por duas vezes escolheram para seu bastonário, está hoje um homem mudado, morigerado, quiçá mesmo escassilhado, seja pelo avanço dos anos, seja pelas canseiras sofridas nos mil combates que travou ao longo de uma existência de fogo, onde não faltaram o garbo e a raça, é certo, mas também a inclinação para o dichote e para a bojarda polémica.

Há meses, esteve no programa do Goucha, que o recebeu de fato rosa e de riscas, espantado pelo *new look* de Marinho: ontem, um touro enraivecido, de cenho carregado e voz trovejante; hoje, um Capitão Haddock ou velho profeta de barba farta, entre o branco e o grisalho, que diz estar agora em "fase contemplativa", *zen*, portanto, e que, com os olhos rasos d'água, discorreu muito filósofo sobre os seus pais e a vida, sobre a necessidade de nos colocarmos sempre no "lugar do outro" e de, em resultado disso, moderarmos "alguma agressividade."

Depois, foi por aí fora, falando de Amarante e de Niterói, da popularidade do doutor Salazar, da infância passada na sua Heimat, a andar aos ninhos e a roubar cerejas dos vizinhos ("Hoje, Manuel Luís, as crianças não têm tempo para brincar"), da pedra onde ainda hoje se senta, e que já em petiz partilhava com seu avô, debaixo de um castanheiro, que adivinhamos ser muito antigo ou talvez mesmo telúrico.

Reformado *au complet*, confessa ter ficado confuso com tanto tempo disponível e livre de que goza agora, após 49 anos de correrias e de afazeres em "luta pela justiça".

Não perdeu, contudo, a propensão para a farpa e, na entrevista a Goucha, comparou o reitor de Coimbra a um ditador, até com alusões aos cruéis tempos da Inquisição, dizendo ainda, de caminho, que "as redes sociais são as latrinas do nosso tempo", que vivemos subjugados por uma "tirania do politicamente correcto", que "uma vida sem amizade não é uma vida" e que "hoje, Manuel Luís Goucha, não temos informação, não temos jornalismo", pois este há muito deixou de ser "um contrapoder".

Terminado o programa, e descontando o facto de ter chamado à Indonésia "a maior potência asiática da Oceânia", a sensação que fica é que assistimos a uma adaptação televisiva de *Mário e o Mágico*, tal é a sedução e o apelo deste prestidigitador da palavra, em tudo semelhante ao *Cipolla* daquela novela de Thomas Mann. Para uns, os mais maldosos, um vulgar fala-barato, com um discurso eivado de platitudes e lugares-comuns; para outros, um pobre diabo, que tentou safar-se como pôde, não causando mossa ao próximo, pelo menos que se saiba. Num balanço desapaixonado, um homem bom e chão, que se orgulha de ter sido o primeiro eurodeputado português a denunciar o "escândalo" do salário dos parlamentares de Estrasburgo, mas que hoje goza uma reforma vinda de lá, que não tem pejo em confessar, sem especificar o montante, que "não é tão pequena como a maioria dos portugueses tem". Entende que o Parlamento Europeu é uma inutilidade doirada, "tão produtivo como era a corte de Luís XIV", o que nos deixa na dúvida sobre a razão pela qual se manteve naquele "faz-de-conta" ("não manda nada, apesar de todas as ilusões, todas as proclamações, que são mentiras"), pese ter perdido a confiança do partido por que se fez eleger, o MPT – Partido da Terra.

Afirmou ainda que, com transparência e lisura, nunca escondeu que jamais foi um político: "Eu sempre disse que não era político, verdadeiramente nunca fui um político, porque nunca funcionei dentro dos *clichés* da política tradicional, do andar às cotoveladas, da punhalada nas costas, da intriga, da traição." Por explicar ficou, então, o motivo pelo qual se aventurou a votos em duas ocasiões, e por dois partidos diferentes, o MPT, já citado, e o PDR – Partido Democrático Republicano, de que foi fundador, tendo este averbado um resultado fatídico no sufrágio de 2015 – pouco mais de 60 mil votos, 1,13% nas percentagens.

De igual modo, Marinho insinuou que, a meio da sua estada na estranja, decidira largar o conforto bruxelense pela política pátria, mais ingrata e mais mal paga, quando, na verdade, permaneceu no PE de 2014 a 2019, ou seja, o tempo necessário para completar um mandato e auferir a competente reforma, no caso mais do que merecida, pois foi parlamentar como os outros e, logo, nem melhor, nem pior.

***

António de Sousa Marinho e Pinto, a que também chamam António Marinho ou tão simplesmente Marinho, nasceu aos 10 de Setembro de 1950 em Vila Chã do Marão, terra que nos censos de 2021 tinha 825 habitantes, o que perfaz, está visto, uma densidade populacional de 123 hab./km².

Seu pai, Francisco Pinto, era alfaiate, e sua mãe, Emília de Sousa Marinho, costureira e, no que concerne à infância, decorreu sem história. Ou, melhor, com alguma estória, já que Marinho afiança, como atrás se viu, que as suas mais remotas memórias de infância são daquela terra amarantina, mas o certo é que, diz a Wikipédia, saiu de lá com apenas seis mesitos de vida, rumo à cidade de Niterói, Estado do Rio de Janeiro, onde seus pais tentaram fintar o destino, mas acabaram sendo alvo de toda a espécie de piadas xenófobas com que os brasileiros brindavam, e em parte ainda brindam, os "patrícios" vindos do país-irmão.

Da juventude passada ao trópico Marinho pouco ou nada fala, excepto para recordar que, tinha ele 14 anitos, voltou com a mãe para Portugal. Ficou o casal, portanto, com um Atlântico de permeio, como no poema de Cecília, e acabaram por se separar.

Com o pai, um salazarista convicto que permaneceu e faleceu no Brasil, as relações chegaram ao ponto da ruptura, sobretudo quando aquele questionou asperamente as aventuras oposicionistas do filho enquanto estudante em Coimbra. À conta disso, estiveram 15 anos sem se falar, mas Marinho Jr., um coração mole, acabaria por reatar relações. A mãe, ao invés, sempre foi o seu encanto, a ponto de lhe ter dedicado um dos primeiros livros que publicou, *As Faces da Justiça*, de 2003.

Matriculado na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, Marinho cedo se envolveu nas movimentações estudantis e, por causa delas, foi detido pela PIDE quando tinha 20 anos. Num dos seus livros, fez questão de publicar, com justificado orgulho antifascista, o auto da sua detenção, que dá conta de que, pelas 19 horas do dia 12 de Fevereiro de 1971, quando os agentes da PSP, sob o comando do tenente Elias Matias, cercaram os mais de mil estudantes reunidos nas instalações da Associação Académica, onde se encontravam num *meeting* de solidariedade com alguns colegas presos, entre os quais dois angolanos, acusados de pertencerem ao MPLA. Depois, deram-lhe ordem para saírem para a rua ordeiramente e em pequenos grupos, a fim de serem devidamente identificados. Nisto, um jovem impetuoso, natural de Vila Chã – Amarante, e residente no n.º 13 do Bairro de Sousa Pinto, ergueu-se num minuto heróico e bradou à estudantada: "CAMARADAS, NINGUÉM SAI DAQUI, NINGUÉM SAI, NEM NINGUÉM SE IDENTIFIQUE."

O gesto, é evidente, valeu-lhe ser detido na companhia de outros colegas da Faculdade de Direito – Carlos Fraião, João Pena dos Reis, Romeu Cunha Reis e Rodrigo Santiago –, aos quais vieram juntar-se mais outros 30 presos, todos estudantes de Coimbra. Levados na noite de 13 de Fevereiro de 1971 para as instalações da PIDE/DGS em Lisboa, estariam presos durante cerca de dois meses em Caxias e o "referido estudante Marinho", como é citado no auto da sua detenção, ganhou uma medalha para a vida, mas também uma severa reprimenda do pai, que do Brasil lhe escreveu censurando-o asperamente, ao que Marinho respondeu com carta não menos áspera, precipitando o corte de relações, só reatadas em 1987.

Por causa da política, abandonou temporariamente os estudos e, nas biografias oficiais, é difícil saber o que fez Marinho e Pinto entre 1971 e 1979, data em que, como jornalista, iniciou funções de direcção na ANOP – Agência Noticiosa Portuguesa da Madeira, onde esteve até 1984.

Entretanto, licenciou-se em Direito, já depois do 25 de Abril, mas a Wikipédia assevera que, e cita-se, "Marinho e Pinto nunca divulgou os anos em que esteve efectivamente inscrito na licenciatura em Direito, nem o tempo lectivo que demorou a concluí-la. Desconhecida é também a média final obtida", dados que não constam do *curriculum vitae* que apresentou aquando da sua candidatura a bastonário da Ordem dos Advogados (ainda assim, note-se, na página da Ordem é indicado que se licenciou em Dezembro de 1984 e que se inscreveu como advogado em Julho de 1987).

Até iniciar a sua carreira no jornalismo, deu aulas no Ensino Secundário e Preparatório, leccionando as disciplinas de Português, Literatura, Filosofia e Introdução à Política, entre 1974 e 1978. Em 1978, começa a trabalhar na imprensa e, logo no ano seguinte, integra a direcção da ANOP na Região Autónoma da Madeira, onde se mantém até 1980. Daí, transitou para director da ANOP na Região Centro, mais perto de casa, mas, entre 1987 e 1988, rumou ao Extremo Oriente, onde foi assessor do Governo de Macau.

Foi jornalista do *Expresso* de 1989 a 2006 e membro do seu Conselho de Redacção, em 1996-1997 e em 2001-2002, tendo sido também membro da direcção do Sindicato dos Jornalistas, em 1986-1987. A par disso, manteve uma intensa actividade cívica, iniciada, como se viu, ainda nos tempos de estudante, como membro do Movimento Democrático Estudantil, em 1971, dirigente da Associação Académica de Coimbra (onde foi membro do executivo da Comissão Pró-Reabertura da AAC – CPRAAC, em 1973-1974), membro da Comissão Nacional para a Liberdade de Informação, em 1978-1979, e membro da Amnistia Internacional.

> **"Marinho insinuou que, a meio da sua estada na estranja, decidira largar o conforto bruxelense pela política pátria, mais ingrata e mais mal paga, quando, na verdade, permaneceu no PE de 2014 a 2019, ou seja, o tempo necessário para completar um mandato e auferir a competente reforma, no caso mais do que merecida (...)."**

VÍTOR HIGGS / DN

Em 2002, integrou o Conselho Geral da Ordem dos Advogados e presidiu à sua Comissão de Direitos Humanos, sendo bastonário José Miguel Júdice, e, em 2004, candidatou-se a bastonário nas eleições de Novembro, perdendo para Rogério Alves. Quatro anos depois, chegou enfim ao lugar de representante máximo dos causídicos portugueses, cargo que, no passado, fora exercido, entre muitos outros, por nomes como os de Barbosa de Magalhães, Catanho de Menezes, Adelino da Palma Carlos, Pedro Pitta, Ângelo de Almeida Ribeiro, Mário Raposo, António Osório de Castro ou Augusto Lopes Cardoso.

Marinho e Pinto, em larga medida, rompeu com essa tradição aristocrática, ainda que o seu estilo contundente, por vezes desabrido, tenha sido cultuado no passado, é certo que com mais moderação e tento, pelos seus três antecessores mais próximos, António Pires de Lima, José Miguel Júdice e Rogério Alves.

Em todo o caso, a vitória de Marinho constituiu um momento de viragem e ruptura, assinalando o triunfo do *lumpenproletariat* da advocacia portuguesa, uma profissão em massificação e em proletarização crescente. O novel bastonário não era oriundo de um escritório de renome de Lisboa ou Porto, não era um advogado prestigiado pelo seu saber jurídico ou por pergaminhos académicos, pelo brilho das alocuções, pela densidade da sua cultura. Tinha um passado antifascista, sem dúvida, mas módico e passageiro, juvenil e inconsequente, igual ao de muitos outros. Não frequentava os corredores do poder, nem os salões das elites e, enquanto advogado, não tivera intervenção em causas célebres ou sequer em processos mediáticos. Ainda assim, derrotou os seus rivais, António Garcia Pereira, Manuel Magalhães e Silva, Luís Menezes Leitão e, não contente, foi reeleito em 2010, vencendo Luís Filipe Carvalho e Fernando Fragoso Marques e, sobretudo, os que se congregaram em apoio deste último, como Júdice, Magalhães e Silva e Carlos Pinto de Abreu.

No livro *Dura Lex. Retratos da Justiça Portuguesa*, de 2007, Marinho fustigara o 'iluminismo judiciário' e o 'fundamentalismo justiceiro', falando do 'espírito mercantilista' da Ordem dos Advogados, convertida num 'imenso polvo burocrático'."

Como seria de esperar, os seus dois mandatos caracterizaram-se por um sem-fim de polémicas e conflitos, que acabaram por obscurecer o trabalho então feito, como a criação do Instituto de Acesso ao Direito, em 2010, o *VII Congresso dos Advogados Portugueses*, no ano seguinte, e, neste mesmo ano, as *1.ªs Jornadas do Instituto do Acesso ao Direito*. A Ordem colocou-se na linha da frente na contestação ao novo mapa judiciário e ao novo regime jurídico das associações públicas profissionais, mas acabou comprometida pela imagem de um bastonário que, num passado ainda próximo, não hesitara em propor a extinção do Centro de Estudos Judiciários ou a proibição de sindicatos nas magistraturas.

No livro *Dura Lex. Retratos da Justiça Portuguesa*, de 2007, Marinho fustigara o "iluminismo judiciário" e o "fundamentalismo justiceiro", falando do "espírito mercantilista" da Ordem dos Advogados, convertida num "imenso polvo burocrático." De Júdice, que outrora o apadrinhara, disse ser "um trauliteiro" e "um fanfarrão" e denunciou a alta advocacia das grandes sociedades e escritórios, prenhes de "cambões com o Estado".

Marinho e Pinto, aliás, nunca perdeu uma boa polémica, sobretudo quando esta pusesse em causa o trabalho dos juízes e dos magistrados do Ministério Público, e das polícias e demais autoridades: ergueu-se a favor da SIC e de Emídio Rangel, e contra o Sindicato dos Jornalistas, quando aquela estação emissora, no programa *Os Donos da Bola*, fez uma reportagem sobre um famigerado estágio da Selecção Nacional de Futebol num hotel de Cascais, que redundou, alegadamente, na contratação de prostitutas que acabaram seviciadas (o famoso *Caso Paulinha*, que entreteve o país durante semanas do ano de 1997). Depois, esteve ao lado de Fátima Felgueiras quando esta fintou as autoridades e um mandado de detenção para reaparecer alegremente no Brasil, de onde declarou não ter fugido à Justiça – Marinho considerou que se tratou de um gesto mais do que legítimo, pois fora desrespeitado "o princípio do contraditório." Mais tarde, e a propósito da violência doméstica, fustigou a Igreja Católica (*v.g.*, por não autorizar o sacerdócio das mulheres), tendo a Comissão dos Direitos Humanos da Ordem dos Advogados, a que então presidia, elaborado um contundente relatório sobre a matéria, que mereceu a pronta reacção crítica do Conselho Superior da Magistratura, o que levou à abertura de nova polémica, desta feita com Noronha Nascimento.

Questionou, igualmente, o modo como, no rescaldo dos ataques do 11 de Setembro, os Estados Unidos estavam levando a cabo a "guerra contra o terrorismo", desde logo por considerar o seguinte: "Pessoalmente, sempre tive muitas reservas em relação ao termo 'terrorista', quer como pessoa, quer como advogado, quer sobretudo como jornalista." Pronunciou-se igualmente contra a invasão do Iraque e, nesse sentido, enquanto alto responsável da Ordem dos Advogados, es-

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

creveu uma carta de solidariedade ao embaixador daquele país em Lisboa.

A esse propósito, e num inflamado texto em que falou "dos grandes combates da [sua] vida", todos "feitos por valores e ideais, segundo princípios", em que proclamou, grandiloquente, que "nunca ninguém [o] calou, nem pela força nem pelo aliciamento", teve um interessante *momento Zelig*, em que se figurou ora entre os escombros das Torres Gémeas, ora numa câmara de gás, ora nas masmorras do Santo Ofício, ora num tribunal de Estaline. Ouçamo-lo: "Em matéria de direitos humanos, identifico-me com todas as vítimas, sejam elas quais forem. Por isso fui americano no alto do World Trade Center, como fui judeu em Auschwitz, alemão em Dresden, japonês em Hiroxima e Nagasáqui, negro no *apartheid* da África do Sul, marinheiro soviético em Kronstadt, herege na Inquisição, réu nos processos de Moscovo, tchetcheno em Grozni, chinês em Tiananmen, palestiniano em Gaza e na Cisjordânia. E, hoje, como não poderia deixar de ser, sou iraquiano em Bagdade e Bassorá."

Talvez Marinho e Pinto tenha sido vítima de tudo isso – dos nazis, dos racistas sul-africanos, dos terroristas islâmicos, dos ianques imperialistas –, mas também foi, ou sobretudo, vítima de si próprio, e do seu estilo populista e truculento, que o fez indispor contra si, ao fim de pouco tempo de mandato, os principais actores do sistema judiciário, bem como uma parcela significativa da classe política e da opinião pública, que, na melhor das hipóteses, deixou de o levar a sério. Protestava ter consigo os descamisados da advocacia – e o certo é que por eles foi eleito e reeleito –, mas as suas sistemáticas tomadas de posição a favor de quaisquer vítimas, fosse o turco Öcalan, fosse o neonazi Mário Machado, fosse a Leonor Cipriano do *Caso Joana*, fossem os americanos presos no Iraque, fosse o malogrado Oliveira e Costa, fosse José Sócrates no *Caso Freeport*, acabaram por tirar-lhe a *gravitas* e a credibilidade.

Pior do que isso, a ideia que transmitiu da Justiça portuguesa, que representou como um feudo de corruptos e de incompetentes, poderia ser consentânea com um "jornalista de causas", mas pouco própria em alguém que, por dever de ofício, tinha de dialogar com os seus pares na Ordem e, sobretudo, com os mais altos representantes das magistraturas e do poder político.

Tudo isso era pouco compatível com alguém que afirmava, sem pestanejar, que "em Portugal, por regra, só os políticos que estão na oposição é que, verdadeiramente, têm problemas com a Justiça", aludindo aos casos *Fax de Macau*, *Universidade Moderna* e *Casa Pia*, ou que falava da "falta de cultura democrática" dos nossos magistrados e do seu "autismo confrangedor", bem como do "clima de terror" reinante em muitos dos tribunais portugueses, com o pagamento de desproporcionadas taxas de justiça, geradoras de um "imenso saco azul com que se pagam os mais escandalosos privilégios de que os próprios magistrados beneficiam".

"O comportamento de muitos dos nossos magistrados lembra o das polícias da PIDE/DGS nos últimos tempos da ditadura", disse, acrescentando que "muitos não compreendem que já não são respeitados como outrora, devido à forma despótica e arbitrária (e, às vezes, simplesmente ridícula) como exercem os poderes em que estão investidos e à forma como maltratam e agridem os cidadãos que têm de ir a tribunal."

O problema com este tipo de discurso, em parte verdadeiro, é que só poderia ser protagonizado em quem fosse à prova de bala e não tivesse, ele próprio, muitos telhados de vidros, começando pelo facto de, em campanha para bastonário, ter afirmado que o cargo deveria ser remunerado, coisa que Marinho fez logo, pouco depois de entrar em funções. Poderia, pois, clamar contra os poderosos da advocacia, que queriam "controlar a OA para se promoverem" e para "a utilizar como instrumento de estratégias pessoais ou de grupo, no sentido de conseguirem grandes negócios através das ligações ao poder político que a Ordem sempre facilita", mas sobre ele sempre pairou a dúvida de pretender fazer exactamente o mesmo, por mais que denunciasse "a nomenclatura criada ao longo de décadas", os "acordos de bastidores" no seio da Ordem dos Advogados ou "a distribuição de dinheiro pelas clientelas dos Conselhos Distritais, sobretudo através da formação".

Às tantas, cada vez mais isolado, Marinho dizia ter sido erguida contra si "a mais sistemática campanha de ataques pessoais na história da advocacia portuguesa", começada, segundo ele, logo no dia da sua eleição e por três antigos bastonários, José Miguel Júdice, António Pires de Lima e Maria de Jesus Serra Lopes. Queixava-se de ser alvo de uma "campanha de ataques pessoais, infâmias e calúnias contra a OA, contra [si] e até contra familiares [seus]". Nos seus dois primeiros anos à frente da Ordem, disse, não teve "um minuto de descanso", passando o tempo a defender-se de insinuações torpes, como aquela que dizia que, ao ter levado a Ordem a constituir-se assistente no *Caso Leonor Cipriano* (a primeira vez que tal ocorria na história da instituição), procurava servir os interesses pessoais da sua filha, que estagiara no escritório do advogado de Cipriano. Ou aquela que dizia que, ao atribuir-se a si próprio um vencimento como bastonário, estava a locupletar-se escandalosamente à custa da Ordem dos Advogados. Ou ainda a que falava de um opíparo jantar oferecido na sede da Ordem, em que só um prato de robalo custara mais de 70 euros e uma garrafa de vinho 96 euros (Marinho defendeu-se, alegando que só dois participantes escolheram robalo e que a garrafa de vinho Evel custara "pouco mais de 40 euros").

Contra mundum, Marinho esgrimia agora contra o Conselho Superior da Ordem, presidido por José António Barreiros, contra "um clima de chicana e ataques pessoais", contra os antigos bastonários, contra o seu rival derrotado, Magalhães e Silva ("que nunca foi capaz de digerir essa derrota democrática"), contra João Correia ("candidato do Dr. José Miguel Júdice nas eleições de 2004, que ficou em último lugar e que, desde então, desenvolveu contra mim um ódio visceral"), contra os cinco presidentes dos Conselhos Distritais do continente (a saber: de Lisboa, Carlos Pinto de Abreu; do Porto, Guilherme Figueiredo; de Coimbra, Carlos Ferrer dos Santos; de Évora, Carlos Almeida; de Faro, António Cabrita), contra a "comunicação social lisboeta", responsável por uma "intoxicação mediática" para o destruir.

Referiu-se ao *Correio da Manhã* como "a infâmia em letra de imprensa", lamentou a campanha contra si promovida pelo Diário de Notícias, falou dos "insultos torpes" do semanário *Sol* ("um tablóide lisboeta"), deu uma tempestuosa entrevista a Manuela Moura Guedes, no *Jornal da Sexta* da TVI.

O tumultuoso consulado de António Marinho e Pinto à frente da Ordem dos Advogados foi, e ainda é, um ilustrativo *case study* dos descaminhos do populismo demagógico, que na política como na Justiça, ou no futebol (no fundo, sempre que exista poder em disputa), segue invariavelmente o mesmo guião: da mesma maneira que André Ventura começou no comentário televisivo e agora se queixa da "bolha mediática", Marinho principiou como jornalista, comentou diversos casos mediáticos, mas terminou lamentando-se da perseguição que lhe era feita pela imprensa e hoje, já na reforma, diz que "não temos informação, não temos jornalismo", pois este deixou de ser um "contrapoder."

De permeio, e como sempre, as diatribes contra a corrupção instalada, o conspirativismo das cabalas e dos poderes ocultos contra a sua acção higienizadora e salvífica, o discurso moral contra "as elites" feito em nome dos "pequenos" e das "vítimas" e também, claro está, em nome da "ética", dos "ideais", dos "princípios" e dos "valores." Para este simulacro de autenticidade, e da mesma maneira que Ventura enaltece as suas origens de Mem Martins, António Marinho e Pinto recorria, vezes sem conta, às raízes amarantinas e, mais decisivamente, ao seu passado antifascista. Um passado que, note-se, e à parte uma detenção de dois meses em Caxias, igual à de tantos outros estudantes, não teve especial notoriedade ou relevo e, estranhamente, não se prolongou em qualquer actividade cívica ou partidária no pós-25 de Abril.

Por fim, mas não por último, o registo Calimero, em vitimização constante, falando Marinho de "campanhas de insultos e infâmias", de "acções de sabotagem", de "ignóbeis mentiras", de "guerrilha institucional", de "deslealdade institucional", de "uma página de ignomínia na história da Ordem dos Advogados", de "intoxicação mediática", de mil e uma urdiduras, enfim, culminadas na abertura de seis – repete-se: seis – processos disciplinares contra si enquanto bastonário da Ordem dos Advogados.

Um dia, numa sessão pública em Évora, José António Barreiros desafiou-o a indicar provas da corrupção em Portugal, um tema recorrente nas suas intervenções. Marinho disse mais tarde que pensou em indicar três ou quatro processos mediáticos, mas optou por calar-se e não referiu caso algum.

Ao terminar o seu primeiro mandato, afirmou, sem falsa modéstia, que nunca a Ordem "teve a dirigi-la um Bastonário tão identificado com os direitos dos cidadãos" e, pasme-se, "nunca a Ordem e o Bastonário foram tão prestigiados na sociedade portuguesa como hoje." Os advogados portugueses, pelos vistos, concordaram, e voltaram a elegê-lo. Sucedeu-lhe Elina Fraga, e a Ordem não mais foi a mesma.

Mal saído de bastonário, e já em plano inclinado, transitou para a política, apesar de, pouco antes, criticar os que aproveitavam o cargo para se aventurar nesse mundo. Em 2014, foi eleito eurodeputado pelo MPT – Movimento Partido da Terra. Não passou um ano e já estava em ruptura com aquele partido, do qual nunca fora militante. O MPT pediu a sua perda de mandato no Parlamento Europeu, Marinho, em resposta, manteve-se em Estrasburgo, mas criou o Partido Democrático Republicano (PDR), e por ele concorreu às legislativas, com resultados fatídicos, 1,13%. Nas legislativas seguintes, de 2019, conseguiu piorar o *score*, com uma perda de, diz-se, 80% dos votos em relação aos já de si modestos resultados do sufrágio anterior. Nesse mesmo ano, Marinho e Pinto anunciou *urbi et orbi* que abandonava a política, descrente da possibilidade de reformar o país.

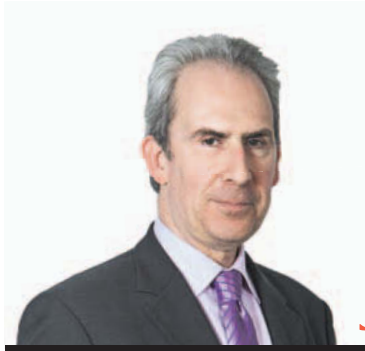
Não podendo agora queixar-se de cabalas de advogados poderosos, refugiou-se em Coimbra, onde hoje vive. Em 2020, o advogado, chefe de cabine na SATA e antigo vice-presidente do Sindicato do Pessoal de Voo da Aviação Civil, Bruno Fialho, sucedeu-lhe na presidência do PDR, que depois transformou na Alternativa Democrática Nacional, o ADN agora muito falado.

Quanto a Marinho, deixou de andar por aí, razão desta prova de vida. Está hoje um profeta de barbas, sereno e muito filósofo. Com duas filhas e três netos, confidenciou a Manuel Luís Goucha, também ele um filósofo, que não acredita no Além e que "a morte é a única coisa certa que temos". É algo que ninguém lhe deseja, pois, no fundo, no fundo, fez o que todos fazemos: tentou safar-se na vida, ganhou o seu pão diário, tratou do futuro dos filhos e acautelou a velhice com um ordenado da Ordem e uma pensão de Estrasburgo. Um português como os outros, António Marinho e Pinto.

Para o meu amigo Zé Lima

> **"(...) No fundo, no fundo, fez o que todos fazemos: tentou safar-se na vida, ganhou o seu pão diário, tratou do futuro dos filhos e acautelou a velhice com um ordenado da Ordem e uma pensão de Estrasburgo. Um português como os outros, António Marinho e Pinto."**

**Prova de vida (41) faz parte de uma série de perfis*

Historiador. Escreve de acordo com a antiga ortografia.

Entre as imagens
João Lopes

A herança de Eleanor Coppola

Eleanor Coppola faleceu no dia 12 de abril, na sua casa em Rutherford, Califórnia — contava 87 anos. O seu nome é indissociável da autoria daquele que é, seguramente, um dos mais incríveis documentários que já se fizeram sobre a rodagem de um filme: *Corações das Trevas* (1991), no original *Hearts of Darkness: A Filmmaker's Apocalypse*, sobre as filmagens do épico sobre a guerra do Vietname, *Apocalypse Now* (1979), realizado pelo seu marido, Francis Ford Coppola.

Vale a pena notar que, realmente, seriamente e irrevogavelmente, falamos de uma rodagem e das respectivas filmagens. Ou seja: importa recusar a banalidade técnica e formal da palavra "gravação", vulgarizada pelas rotinas das telenovelas e, hoje em dia, repetida até à exaustão, não apenas pelo jornalismo sem memória, mas também por muitos profissionais ligados à produção novelesca (televisiva ou cinematográfica), incluindo, tristemente, alguns actores. Na verdade, não se "grava" um filme — um filme… filma-se. A aparente redundância é importante, já que filmar está longe de ser a mera aplicação de rotinas narrativas que se registam em suportes de tratamento mais ou menos anónimo para difusão massiva em horários nobres de onde, há muito tempo, em nome de uma obscena democracia audiovisual, a nobreza cinematográfica foi excluída. Filmar é participar de uma aventura visceralmente humana.

Na rodagem de *Apocalypse Now*: Francis filmado por Eleanor.

Eleanor Coppola partilhou a realização do documentário sobre *Apocalypse Now* com Fax Bahr e George Hickenlooper: o trio repartiu, aliás, o Emmy de melhor documentário ("programa de informação") lançado em 1991. Em qualquer caso, não será abusivo supor que o seu papel na feitura de Hearts of Darkness foi central e determinante. Até porque foi o próprio marido, por certo consciente das singularidades do projecto e antecipando algumas atribulações que se confirmaram, que lhe pediu que pegasse numa câmara e acompanhasse a rodagem — tinham casado em 1963, tendo-se conhecido um ano antes, na rodagem de Dementia 13, primeira longa-metragem de Francis em que Eleanor trabalhou como assistente de cenografia.

O mínimo que se pode dizer da rodagem de *Apocalypse Now* é que "duplicou" a própria epopeia que o filme encena. A lista de problemas enfrentados tem qualquer coisa de dantesco: as dificuldades decorrentes das filmagens na selva das Filipinas, a utilização dos helicópteros do ditador Ferdinand Marcos (que várias vezes os "requisitou", condicionando o calendário da rodagem…), a contratação de Martin Sheen depois do despedimento de Harvey Keitel, os problemas práticos criados por Marlon Brando, um tufão que destruiu grande parte dos cenários, a interrupção dos trabalhos devido ao facto de Sheen ter sofrido um ataque cardíaco… Tudo isso ficou para sempre resumido pelo próprio Francis numa conferência de imprensa que está no documentário: "O meu filme não é sobre o Vietname. É o Vietname. Foi mesmo isso: éramos gente a mais, tivemos acesso a demasiado dinheiro, a excesso de equipamento — e, a pouco e pouco, fomos enlouquecendo."

Em *The Apocalypse Now Book* (ed. Faber and Faber, Londres, 2000), o autor Peter Cowie recorda as palavras exemplares de Eleanor, em 1999, evocando as convulsões vividas na gestação de *Apocalypse Now*: "Francis quis fabricar uma espécie de mito, uma ópera que transcendesse o contexto da guerra do Vietname. Creio que o que ele queria dizer estava muito para além de um mero comentário sobre o conflito. Ele queria falar da guerra em geral, da experiência humana da guerra, e daquilo que a guerra faz às pessoas. O filme reflecte a sensibilidade psicadélica dos anos 60, mas acaba por adquirir dimensões míticas."

O documentário de Eleanor Coppola sobre a rodagem de *Apocalypse Now* (1979) é uma preciosa lição cinematográfica e humana.

Há qualquer coisa de estranha "repetição" do destino no facto de, por estes dias, Francis ter voltado à actualidade do cinema através do anúncio da sua presença na competição do Festival de Cannes (14/25 maio) com *Megalopolis* — recorde-se que, em 1979, Apocalypse Now arrebatou a Palma de Ouro em Cannes (ex-aequo com *O Tambor*, de Volker Schlöndorff). Trata-se de mais uma gigantesca produção, neste caso financiada pelo próprio realizador, concretizada depois de várias décadas em que alguns grandes estúdios de Hollywood recusaram avançar com o projecto. Neste momento, o filme está mesmo num impasse comercial, já que (ainda) não tem distribuição assegurada. Dir-se-ia que as dimensões míticas que Eleanor referiu continuam associadas ao apelido Coppola.

Jornalista

Chef Arnaldo Azevedo
Sobremesa: Brisas do Lis

Ingredientes:

320 gramas de gemas de ovo
4 ovos
500 gramas de açúcar
200 gramas de água
200 gramas de farinha de amêndoa
2 colheres de sopa de manteiga

Preparação:

> Bater os ovos com as gemas.

> Juntar a água e o açúcar e levar ao lume até atingir 180ºC. Adicionar a amêndoa.

> Depois de frio, juntar ao preparado anterior dos ovos com as gemas.

> Colocar numa forma previamente untada com manteiga, levar ao forno em banho-maria a 165ºC, durante 25 minutos.

> Servir com *sorbet* de tangerina.

A dica do *chef* :

Deixar arrefecer totalmente o preparado (calda de açúcar, ovos, gemas, farinha de amêndoa), antes de colocar no banho-maria – deve estar tudo à temperatura ambiente.

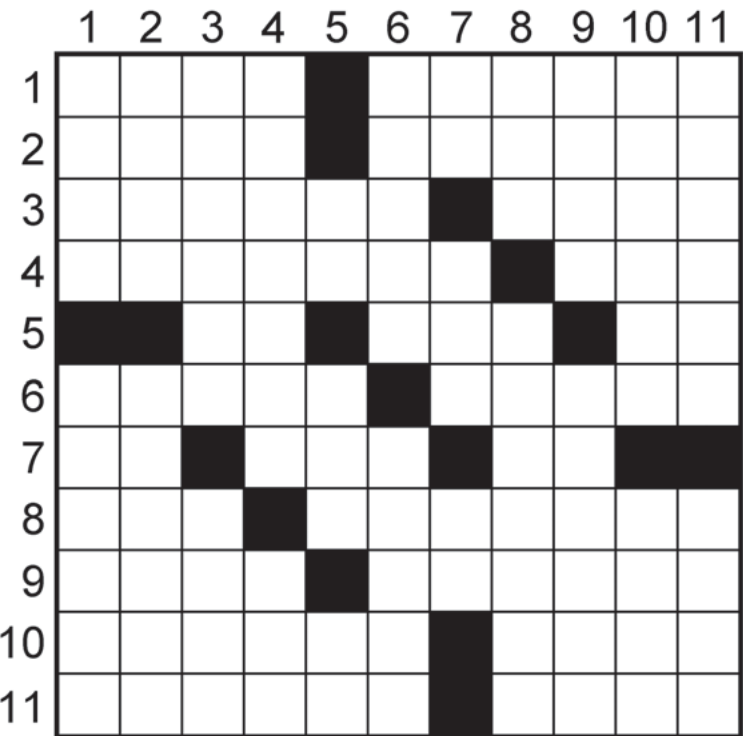
TEXTO E EDIÇÃO **FILIPE GIL**

A acompanhar

O *chef* sugere um vinho do Porto Niepoort 20 anos.

O *Chef*

O *chef* Arnaldo Azevedo frequentou o Curso de Cozinha na Escola de Hotelaria de Santa Maria da Feira, a que se seguiram outras experiências entre o Porto e o Algarve. Chega ao Vila Foz Hotel & *Spa* em 2020, conquistando em 2021 a primeira Estrela Michelin para o restaurante Vila Foz.

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais: **1.** Legar. Cravar. **2.** No qual lugar. Esfregado com areia ou outro pó. **3.** Instruir. Parcela. **4.** Indolente (popular). Reza. **5.** Nesse lugar. Mulher que cria uma criança alheia. Na moda. **6.** Deixa de ter. Sujidade proveniente da transpiração, do uso, etc. **7.** Preposição que indica lugar. Nome feminino. A ti. **8.** Sociedade Portuguesa de Autores (sigla). Segurar com estacas. **9.** Parte da bota acima do artelho. Trabalho que se deve fazer em certo tempo. **10.** Dar com. De acordo com o Antigo Testamento, foi o primeiro filho de Adão e Eva. **11.** Sumário. Recurso (figurado).

Verticais: **1.** Estar dorido. Apanhar o peixe na água. **2.** Vaga. Igualdade de votos ou de pontos. **3.** Elogiar servilmente. Erva-doce. **4.** Reaparecimento dos sintomas de uma doença durante o período de convalescença. Organização das Nações Unidas. **5.** Elas. Nome da letra N. Antes do meio-dia. **6.** Entremez. Todo o corpo que existe no espaço. **7.** Érbio (símbolo químico). Organização Mundial de Saúde. Tântalo (símbolo químico). **8.** Soberano. Edil. **9.** Pequeno mamífero roedor. Temer. **10.** Ligar-se. Semelhante. **11.** Relativo à antiga Roma. Pela (...), ao de leve.

SUDOKU

2					5	4		8
		8	1		6		3	
					4			1
5	8		2	7				4
	4				1			2
							7	
	1	4	9					
6		7				8	5	
			6		3		4	7

SOLUÇÕES

2	6	1	7	3	5	4	9	8
4	7	8	1	9	6	2	3	5
3	9	5	8	2	4	7	6	1
5	8	6	2	7	9	3	1	4
7	4	3	5	6	1	9	8	2
1	2	9	3	4	8	5	7	6
8	1	4	9	5	7	6	2	3
6	3	7	4	1	2	8	5	9
9	5	2	6	8	3	1	4	7

Palavras Cruzadas

Horizontais: 1. Doar. Ferrar. 2. Onde. Areado. 3. Educar. Item. 4. Ralasso. Ora. 5. Aí. Ama. In. 6. Perde. Surro. 7. Em. Ana. Te. 8. SPA. Estacar. 9. Cano. Tarefa. 10. Atinar. Caim. 11. Resumo. Arma.

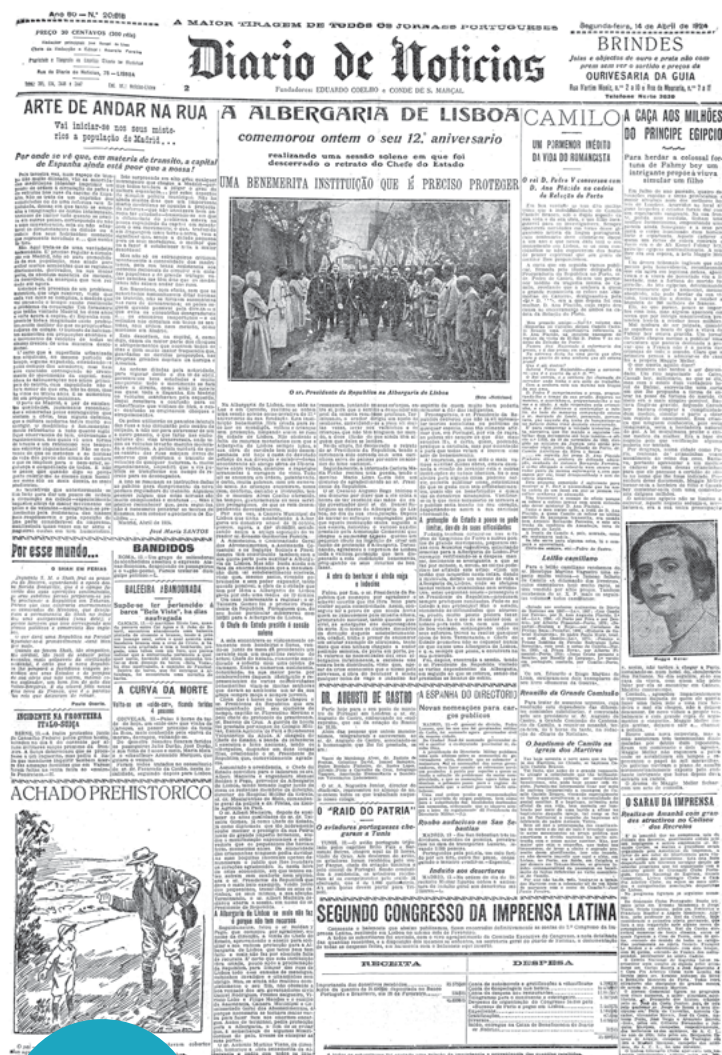
Verticais: 1. Doer. Pescar. 2. Onda. Empate. 3. Adular. Anis. 4. Recaída. ONU. 5. As. Ene. AM. 6. Farsa. Astro. 7. Er. OMS. Ta. 8. Rei. Autarca. 9. Rato. Recear. 10. Aderir. Afim. 11. Romano. Rama.

Diario de Noticias

A ALBERGARIA DE LISBOA

CAMILO

ARTE DE ANDAR NA RUA

ACHADO PREHISTORICO

SEGUNDO CONGRESSO DA IMPRENSA LATINA

O SARAU DA IMPRENSA

Realiza-se âmanhã com grandes atractivos no Coliseu dos Recreios

E' já amanhã que na sumptuosa sala do Coliseu dos Recreios, gentilmente cedida pelo seu inteligente e activo empresario sr. Ricardo Covões, se realiza o grandioso sarau organizado pela Associação da Imprensa, a favor do seu cofre de beneficencia para viuvas e orfãos dos jornalistas. Está esta festa despertando um interesse invulgar devido ao soberbo programa que foi organizado com o concurso gentil do Gimnasio Clube Português, Centro Nacional de Esgrima, Ateneu Comercial, Lisboa Gimnasio Clube e Casa Pia Atletico Clube, ou sejam as mais antigas e categorisadas associações desportivas de Lisboa.

No programa figuram os seguintes numeros:

Do Gimnasio Clube Português: Duplo trapezio pelos srs. Ernesto Mendonça e Jorge Viana; Triplo trapezio, pelos srs. Frederico e Francisco Hopffer e Angelo Mendonça; Atletica, pelo professor sr. Rui da Cunha, hoje considerado o primeiro atleta português, que fará a sua reaparição após alguns meses de propaganda em Africa. Rui da Cunha executará numeros de força classica, entre os quais figuram a Cruz de Ferro, com 60 quilos, «record» do mundo de todas as categorias pertencente ao atleta francês François Le Breton e o «developpé» com dois braços, com 90 quilos, «record» de França dos meios-pesados, pertencente ao atleta Cadine.

O Centro Nacional de Esgrima faz-se representar num assalto de espada pelos atiradores srs. Carlos Barela e José Agostinho e o Casa Pia Atletico Clube num assalto de florete pelos srs. Ernesto Antunes da Silva e Reinaldo Monteiro de Faria. Todos estes atiradores são discipulos do grande mestre de armas sr. Antonio Martins.

O Ateneu Comercial figura no programa com cinco numeros, a saber: gimnasta equilibrista, sr. Fernando dos Santos; trapezio pelo sr. José da Costa Junior; jogo de pau pelo professor sr. Jorge de Sousa e seus discipulos srs. Feliz de Carvalho, Antonio Caçador, Alexandre Morais, José da Costa, Antonio Pinto, José Veiga e Armando Santos; «Box», pelos srs. Gilberto Fernandes e Joaquim Marques, campeões, respectivamente, dos levissimos e dos minimos, do A. C. L., no ano de 1924; luta pelos srs. Benjamim Esteves de Araujo, campeão de Portugal em 1924 e Manuel Marques, campeão dos minimos, do A. C. L., no ano corrente.

O Lisboa Gimnasio Clube apresenta três numeros interessantes: argolas pelos srs. Ma-

O DN DE HÁ CEM ANOS

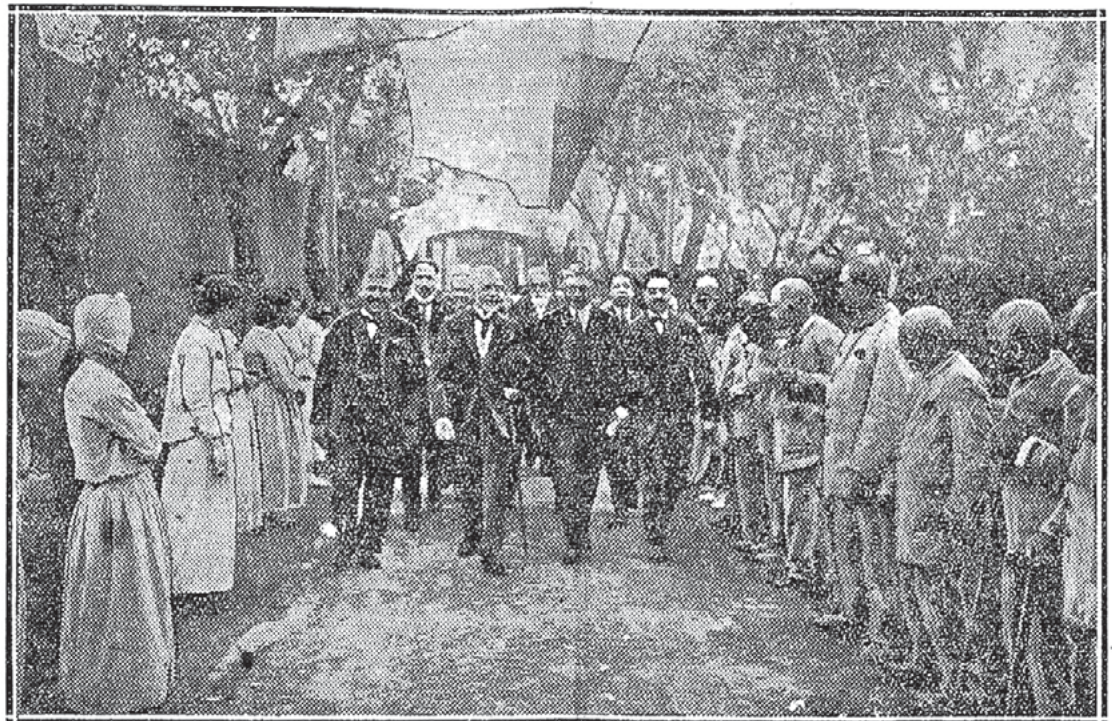
AS NOTÍCIAS DE 14 DE ABRIL DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

A ALBERGARIA DE LISBOA

comemorou ontem o seu 12.° aniversario

realizando uma sessão solene em que foi descerrado o retrato do Chefe do Estado

UMA BENEMERITA INSTITUIÇÃO QUE É PRECISO PROTEGER

O sr. Presidente da Republica na Albergaria de Lisboa

(Foto «Noticias»)

Na Albergaria de Lisboa, com séde na Luz e em Carnide, realizou-se ontem uma sessão solene comemorativa do 12.º aniversario da sua fundação. Esta instituição benemerita fôra criada para recolher os mendigos, velhos e crianças sem protecção, limpando assim as ruas da cidade de Lisboa. Não obstante a falta de recursos monetarios com que a Albergaria de Lisboa sempre lutou, a sua obra de caridade tem sido desempenhada até hoje á custa do devotado esforço da sua direcção e colaboradores. encontrando ali abrigo cêrca de 370 criaturas entre velhos, crianças e raparigas arrancadas á voragem do vicio. Tudo ali se encontra em ordem, patenteando. é certo, muita pobreza, mas um esmerado aceio. As crianças encontram, nessa casa, conforto, carinho e instrução, tendo o maestro Alves Coelho oferecido, ha tempos, gratuitamente os seus serviços pedagogicos, de que se vem desempenhando devotadamente.

Por sua vez, a Camara Municipal de Lisboa que tinha estabelecido á Albergaria um donativo anual de 20 contos, passou, agora, a dar 48.000$00. satisfazendo assim a antiga aspiração do vereador sr. Ernesto Guilherme Pereira.

A Assistencia, o Comissariado Geral dos Abastecimentos, a Assistencia Comercial e os Seguros Sociais e Previdencia têm contribuido tambem com a sua quota parte para auxiliar a Albergaria de Lisboa. Mas não basta ainda em face da enorme despeza que a manutenção dum tal estabelecimento acarreta, visto que, mesmo assim, vivendo pobremente e sem poder expandir, tanto quanto possivel, a obra de caridade que tem por lêma a Albergaria de Lisboa gasta por mês uma media de 19 contos.

Um caso interessante a registar: o sr. Teixeira Gomes foi o primeiro Presidente da Republica Portuguesa que, do seu bolso particular subscreveu com 500$00 para a Albergaria de Lisboa.

O Chefe do Estado preside á sessão solene

A sala encontrava-se vistosamente ornamente com bandeiras e flores, vendo-se junto da mesa da presidencia um cavalete com um magnifico retrato do actual Chefe do Estado, ricamente emoldurado e coberto com uma colcha de damasco. Entre a numerosa assistencia, constituida, na sua maior parte, por colaboradores daquela instituição e representantes de varias colectividades benemeritas viam-se muitas senhoras que davam ao ambiente um ar da sua graça sempre moça e sempre juvenil.

Cêrca das 4 horas na tarde chegou o sr. Presidente da Republica que era acompanhado pelo seu ajudante de campo, capitão sr. Florentino Martins e pelo chefe do protocolo da presidencia, sr. Barreto da Cruz. A guarda de honra foi prestada por alunos do Colegio Militar, Escola Agricola de Paiã e Bombeiros Voluntarios da Ajuda. A' chegada do Chefe do Estado, a banda de infantaria 1 executou o hino nacional, tendo os albergados, dispostos em duas longas filas, ovacionado o sr. Presidente da Republica que, comovidamente agradecia.

Assumindo a presidencia, o Chefe do Estado convidou para o ladearem os srs. Albert Macieira e engenheiro Manuel Roldan y Pego, provedor da Albergaria de Lisboa, tendo tomado lugar junto da mesa os restantes membros da direcção, director do Hospital Militar da Estrela, sr. dr. Mascarenhas de Melo, comandante geral da policia e dr. Pratas, da Escola Agricola da Paiã.

O sr. Albert Macieira, depois de enaltecer as altas qualidades do sr. dr. Teixeira Gomes, já como Chefe do Estado, já como diplomata que tão nobremente soube manter o prestigio da sua Patria junto do grande imperio britanico, aludiu á manifestação expontanea e comovedora que os pequeninos lhe haviam feito, momentos antes. Da sinceridade das criancinhas ninguem podia duvidar. As suas boquitas inocentes apenas denunciaram o jubilo que lhes inundava os corações agradecidos. E, nesta hora de crise economica, em que tantos entes sofrem sem conforto nem arrimo, era o sr. Presidente da Republica que dava o mais belo exemplo, vindo junto dos pequeninos, trazer-lhes os seus carinhos, os seus mimos, a sua afeição. Terminando, o sr. Albert Macieira declarou aberta a sessão, em nome do sr. Presidente da Republica.

A Albergaria de Lisboa se mais não faz é porque não tem recursos

Seguidamente, falou o sr. Roldan y Pego, que começou por agradecer, em nome da direcção, a visita do Chefe do Estado, aproveitando o ensejo para solicitar a sua valiosa protecção para a Albergaria de Lisboa que tanto bem tem feito e mais não faz por absoluta falta de recursos. E' certo que esta instituição fôra criada, pouco após a proclamação da Republica, para limpar das ruas de Lisboa todo esse enxame de mendigos, velhinhos invalidos e criancinhas sem abrigo. Mas, se ainda não realizou completamente o seu fim, não obstante a boa vontade dos srs. governadores civis Daniel Rodrigues, Prestes Salgueiro, Viriato Lobo e Filipe Mendes e o auxilio da Assistencia, Camara Municipal e Comissariado Geral dos Abastecimentos, é porque necessaria se tornava maior verba para fazer face aos enormes encargos. Antes de terminar, pedia protecção para a Albergaria, a fim de se evitar que, á semelhança de algumas Misericordias do país, tivesse de encerrar as suas portas.

O sr. Antonio Martins Viana, da direcção, historiou a obra benemerita da Albergaria e pediu que todos se interessassem, juntando os seus esforços, entre si, para que o auxilio a despender em prol da miseria resultasse proficuo. Terminando, o orador dirigiu um apelo ás senhoras, convidando-as a irem ali muitas vezes, levar aos velhinhos e ás crianças, que não têm ninguem no mundo, a doce ilusão de que ainda têm alguem que deles se lembre.

Nesta altura, foi descerrado o retrato do sr. Presidente da Republica, tendo a cerimonia sido coroada com uma carinhosa salva de palmas por entre os acordes do hino nacional.

Seguidamente, a internada Carlota Maria Pinho recitou uma poesia, tendo o menino Mario Lima Costa lido um discurso de agradecimento ao sr. Presidente da Republica.

O sr. Caetano Augusto Rego iniciou o seu discurso por dizer que a ele cabia a honra de ter recebido das mãos do então governador civil sr. dr. Daniel Rodrigues as chaves da Albergaria de Lisboa, no dia da sua inauguração. Depois de narrar os esforços empregados para que aquela instituição tenha seguido a sua esteira, recordou o valioso auxilio prestado pela Associação Comercial que chegou a aumentar as suas quotas um pequeno obulo na intenção de criar um fundo de protecção á Albergaria. Terminando, agradeceu á imprensa de Lisboa toda a valiosa protecção que tem dispensado a esta instituição benemerita, propagando os seus intuitos de bem fazer.

A obra do benfazer é ainda vaga e indecisa

Falou, por fim, o sr. Presidente da Republica que começou por agradecer o amavel convite que lhe fôra feito para visitar aquela colectividade. Assim, conseguiu ter a prova de que ainda havia quem se interessasse pela miseria alheia, procurando suavizar, tanto quanto possivel, as amarguras dos desprotegidos da sorte. Em todos os ilustres membros da direcção daquele estabelecimento, ele, orador, tinha o prazer de encontrar um salutar exemplo de altruismo, tanto mais que eles tinham chegado a andar pedindo esmolas, de porta em porta, para valerem ás necessidades dos seus albergados. Infelizmente, a caridade não estava bem distribuida, visto que, apesar da crise economica que o nosso país atravessa, a obra do benfazer é ainda qualquer coisa de vago e indeciso no espirito de quem muito bem poderia minorar a dôr dos indigentes.

Prosseguindo, o sr. Presidente da Republica declarou que não ia ali apresentar teorias socialistas ou politicas de qualquer especie, mas tão sómente afirmar que, em Portugal, por via de regra, os pobres são sempre os que dão mais esmolas. Ha, é certo, quem, podendo, pratique a caridade, mas por ostentação e para que todos vejam e louvem esse acto de benemerencia.

A' imprensa, que tem sido o mais valioso auxiliar destas obras, estava destinada a missão de levantar esta e outras instituições de indole identica. Se o seu alvitre para alguma coisa pudesse servir, poderia publicar umas estatisticas do que se gasta com tais estabelecimentos, quais são os beneficiados e quais são os donativos alcançados. Verificar-se-ia o que mais necessario se tornava e o publico seria tocado no seu coração, despertando-se assim a sua caridade adormecida.

A protecção do Estado a pouco se pode limitar, devido ás suas dificuldades

Poderia tambem colocar-se nas estações de Caminhos de Ferro e outros pontos de grande movimento, pequenas caixas com letreiros sugestivos, solicitando esmolas para a Albergaria de Lisboa. Por exemplo: verificando-se a despesa mensal, facilmente se averiguaria a que se faz por minuto, e, assim, as caixas poderiam ter afixado este aviso: «Com um tostão que lançardes nesta caixa, dando á manivela, dareis um minuto de vida á Albergaria de Lisboa, onde se abrigam tantos velhos e criancinhas sem arrimo».

Ora, estas pequenas coisas—prosseguiu o sr. Presidente da Republica—produzem sempre profiquos resultados. Pede-se ao Estado a sua protecção? Mas o Estado, atendendo ás dificuldades que atravessa, pouco, muito pouco poderá fazer. Neste país, ha o uso de se contar com o Estado para tudo. Ora, com um pouco de boa vontade, conjungando todos os seus esforços, talvez se realize qualquer coisa de bom. Terminando, o Chefe do Estado prometeu não se esquecer nunca de que existe uma Albergaria de Lisboa, e que, sempre que possa, a envolverá na sua protecção.

Foi, depois, encerrada a sessão, tendo o sr. Presidente da Republica visitado as varias dependencias da Albergaria, em seguida ao que se retirou, sendo-lhe prestadas as honras do estilo.

Abaixo-assinado contra psicóloga dirigido à Ordem

FÁTIMA Em causa a intervenção de Maria José Vilaça, defensora da conversão de homossexuais, num congresso sob o tema *Homens e Mulheres de Verdade*.

TEXTO **PAULA SOFIA LUZ**

A presença de Maria José Vilaça (psicóloga que defende práticas de alegada conversão de homossexuais) num congresso em Fátima, este fim de semana, motivou um abaixo-assinado que pede à Ordem dos Psicólogos (OP) que atue, impedindo aquela profissional de continuar a fazer apologia do processo.

Francisco Miranda Rodrigues, bastonário da OP, confirmou ao DN ter recebido o abaixo-assinado, com mais de 1600 assinaturas, entretanto remetido para o Conselho de Jurisdição. Mas lembra que ,"quando o tema é terapias de conversão, é inequívoco que se trata de uma violação do código deontológico, mas, além disso, é também violação dos Direitos Humanos e, desde há pouco tempo, passou a ser crime". Quer isto dizer que outras instâncias se sobrepõem à OP.

O abaixo-assinado dirigido à Ordem dos Psicólogos denuncia uma intervenção da psicóloga Maria José Vilaça, num congresso em Fátima, que decorre este fim de semana, e onde era anunciada também a presença de Luca di Tolve, um italiano que foi *Mister Gay* nos Anos 90 e agora se diz "recuperado", autodenominando-se "ex-homossexual, que se casou com uma mulher e tem uma filha".

O congresso tem por tema *Homens e Mulheres de Verdade* e foi noticiado na página oficial da Diocese de Leiria-Fátima. Acontece na Congregação dos Servos do Imaculado Coração de Maria e, apesar de inicialmente aberto à participação do público, mediante inscrição, o formulário ficou indisponível desde quinta-feira. De acordo com a notícia do evento, a ideia seria "levar os jovens a refletir sobre a beleza de ser homem e mulher, à luz da Teologia do Corpo de João Paulo II e dar-lhes respostas para as mentiras de uma ideologia de género que destrói a riqueza da identidade masculina e feminina".

Vários movimentos ligados à Igreja Católica manifestaram entretanto estranheza e preocupação com o facto de um congresso desta natureza ser anunciado na página da Diocese de Leiria-Fátima, que acabou por se demarcar da iniciativa.

Viñales vence *sprint* no Texas. Miguel Oliveira em 11.º

O espanhol Maverick Viñales (Aprilia) venceu ontem a corrida *sprint* do Grande Prémio das Américas, de MotoGP. No Circuito das Américas, em Austin, no Texas, o pódio foi totalmente espanhol, com Marc Marquez (Ducati-Gresini) e Jorge Martin (Ducati-Pramac) a ficarem em 2.º e 3.º, respetivamente. Numa corrida de apenas 11 voltas, e mais curta do que a principal (que acontece hoje, às 20.00 horas), o português Miguel Oliveira (Trackhouse Aprilia) partiu do 14.º lugar e, na *sprint*, não foi além do 11.º lugar.

EPA/ADAM DAVIS

BREVES

Catarina Martins lidera lista do BE para as Europeias

O Bloco de Esquerda confirmou ontem a ex-líder do partido, Catarina Martins, como cabeça de lista às eleições europeias, seguida pelo atual eurodeputado José Gusmão. O partido divulgou a lista dos 21 nomes que concorrem ao Parlamento Europeu junto com o "manifesto eleitoral" que vão levar para estas eleições, disputadas a 9 de junho. O manifesto foi divulgado depois da reunião da Mesa Nacional do partido, o órgão máximo entre convenções. Sob o título "Europa por ti", o documento está dividido em 18 subtítulos que revelam propostas para o clima, a habitação, a paz na Ucrânia e a autonomia da Palestina. No documento surge a promessa clara de lutar "por uma Europa ecológica, justa, solidária, feminista, aberta ao mundo e de paz".

Pelo menos 15 pessoas socorridas nas praias

Com as altas temperaturas instaladas por todo o país, as praias portuguesas receberam este sábado o primeiro banho de multidão do ano. Apesar dos alertas emitidos pela Proteção Civil à entrada do fim de semana, avisando para os perigos de um mar ainda de inverno, os comportamentos de risco levaram à necessidade de socorro a pelo menos 15 pessoas no dia de ontem, de Norte a Sul. Na Praia do Tamariz, em Cascais, oito jovens em situação de pré-afogamento foram salvos por populares e pelos Bombeiros do Estoril. Também na praia da Comporta, Alcácer do Sal, três jovens foram socorridos com ajuda de surfistas e populares. A Norte, na praia da Baía, em Espinho, foram retiradas três pessoas do mar também em situação de pré-afogamento.

Sete mortos em ataque com faca em Sydney

Um atacante armado com uma faca matou ontem pelo menos sete pessoas (número atualizado à hora de fecho desta edição) antes de ser morto a tiro por uma agente policial num centro comercial movimentado de Sydney, na Austrália. Um porta-voz do Serviço de Ambulâncias do Estado de Nova Gales do Sul disse à agência AFP que vários feridos foram levados para vários hospitais em Sydney, incluindo uma criança de nove meses cuja mãe foi uma das vítimas mortais deste ataque. A polícia afirmou que o agressor seria um homem de 40 anos, conhecido pelos serviços de segurança, embora ainda não tenha sido formalmente identificado, não descartando a possibilidade de o ataque constituir um "ato terrorista".

Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Secretário-geral** Afonso Camões **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

56605